

AGOSTINHO NETO E A HISTORIOGRAFIA BIOGRÁFICA¹

Helder Adegar Fonseca
Doutor em História
Universidade de Évora
haf@uevora.pt

Resumo: Neste estudo escrutinam-se as práticas da escrita biográfica sobre Agostinho Neto. O aparato analítico utilizado releva que a elaboração de tal historiografia foi durante um longo período hegemônica por uma narrativa celebratória (hagiográfica), baseada numa investigação muito débil e protagonizada tanto por uma escola internacionalista como por uma escola nacionalista-exclusiva lusófona, ambas constituídas pela intercessão de intelectuais e de académicos, essencialmente literatos, vinculados ao activismo político. Mostra também a emergência, recente e exterior ao mundo académico, de uma narrativa histórico-biográfica crítica, dotada de melhores recursos documentais, mas guiada pela controvérsia política que lhe confere um carácter teratográfico. Nas secções finais são sugeridas outras soluções e argumenta-se que a recente evolução da historiografia biográfica académica na África Austral mostra que o caminho paralelo entre a Hagiografia e a Diabolização não é inevitável.

Palavras-Chave: Historiografia Biográfica; Historiografia da África Austral; Historiografia Angolana; Agostinho Neto.

Abstract: In this study the practices of the biographical writing on Agostinho Neto are scrutinized. The analytical scheme reveals that the elaboration of this historiography was during a long period hegemonized by a hagiographic and celebratory narrative, not research-based and carried out by an "internationalist" school as well as by a Lusophone nationalist-exclusive school, which are both made up of non-academic and literary academic intellectuals connected with political activism. It also reveals a recent and unacademic trend for the writing of critical historical biography, more sources-oriented but driven by political controversy and not by the historiographic debate, which gives it a teratographic bias. Other solutions are suggested in the final sections and it is argued that the recent evolution of academic biographical historiography in Southern Africa shows that the parallel path between Hagiography and Diabolization is not inevitable.

Key-Words: Biographical Historiography; Southern Africa Historiography; Angolan Historiography; Agostinho Neto

Artigo recebido em: 24/06/2017
Artigo aprovado em: 25/02/2018

¹ O artigo foi elaborado no âmbito do Projecto *Historical Sources of Transnational Regionalism in Southern Africa: The Liberation Movements and White Africa as driving forces (1960-1980)* apoiado pelo CICP.UÉ, unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia do Ministério de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal. O autor é Doutorando e Professor Catedrático de História Contemporânea da Universidade de Évora onde dirige uma área de formação pós-graduada e de investigação em Estudos Europeus e Africanos.

Study the historian before you begin to study the facts

(E.E.CARR, 1961, 22-23)

Se hace camino al andar, Al andar se hace camino

(A. MACHADO, 1912, xxix)

1. Introdução: Agostinho Neto como *objecto* da Historiografia Biográfica.

Este estudo historiográfico analisa as práticas da escrita biográfica em torno da figura de António Agostinho Neto, um angolano [1922-1979] que se destacou a partir dos anos 1950 e em cujo curso de vida são usualmente assinaladas como marcas essenciais a sua experiência como colonizado e a acção como poeta da Angolanidade [1940-50], activista anti-colonial [1950s] e *freedom fighter* [1962-1974] que, nessa condição, liderou uma das organizações revolucionárias que combateu pela Independência de Angola [MPLA, 1962-1974]. Além disso, Agostinho Neto, como primeiro Presidente da República Popular de Angola [1975-1979], integrou o grupo de actores históricos africanos, como Kwame Nkrumah, no Ghana, “The Father of African Nationalism” (BIRMINGHAM, 1998; BINEY, 2011), Kenneth Kaunda, na Zâmbia (SIMAKOLE, 2012), Julius Nyerere, na Tanzânia (MOLONY, 2014; BJERK, 2017), Samora Machel, em Moçambique (CHRISTIE, 1996) ou Nelson Mandela, na África do Sul (MAYLAM, 2014), que adicionaram à liderança da Luta de Libertação [nacional ou *anti-apartheid*], com ou sem outras organizações competitivas, a primeira governação pós-colonial, que foi exercida de forma exclusiva (ditatorial) ou competitiva (democrática).

Na perspectiva da historiografia biográfica, as narrativas sobre indivíduos ou grupos específicos, que viveram em contextos com uma história tão dramática e traumática como a da África Austral colonial e pós-colonial, tem pelo menos dois pontos de interesse. O primeiro é o facto de, na óptica da investigação, poderem constituir-se como um *objecto transnacional* ou *transimperial* (LAMBERT e LESTER, 2006). Em tal universo social incluem-se os activistas anti-coloniais e muitos combatentes da luta de libertação e o seu interesse historiográfico decorre tanto dos seus *actores* terem tido vidas *transnacionais* e/ou *transimperiais*, como do facto de, naquele processo, a acção

individual, nomeadamente a dos principais dirigentes, desde cedo se ter tornado objecto de múltiplas construções biográficas por razões de notoriedade pública, de informação (pública ou de segurança), de propaganda activista ou contra-activista ou de estudo académico. Este extenso repositório de narrativas biográficas tem um legado polifónico, para o qual contribuíram os poderes coloniais e pós-coloniais institucionalizados, nacionais e internacionais, os Movimentos de Libertação e as organizações “rebeldes” pós-coloniais, assim como os movimentos solidários internacionais, intelectuais e sociais (MINTER, 2009, p. 19). Ora, transformar esta variedade de produções biográficas em objecto historiográfico é essencial.

O segundo ponto de interesse é a “biographic question” (LASSIG, 2004) das identidades individuais, nomeadamente os modos como estas se [re]definiram em contextos de transformações profundas num relativamente período de tempo curto. É um debate particularmente relevante na História do Século XX, uma era de sucessivas rupturas *externas*, com implicações dramáticas nas histórias e planos de vida dos indivíduos: nele se discute em que medida tais fracturas alteraram o sentido e direcção das mesmas e qual a visibilidade de tais guinadas nas narrativas biográficas. No caso da África Austral, tais mudanças traumáticas incluem: a diferenciada, tardia e imperfeita ocupação colonial europeia, desde a viragem para o Século XX; as mobilizações para as grandes guerras; as migrações de trabalho trans-colonial, as migrações de refúgio e as experiências de exílio e acolhimento externo no período das Guerras de Libertação [onde elas ocorreram, 1960-1980]; as sequentes transições para a independência [revolucionária ou negociada, 1960-80] ou pós-*apartheid* [1990s], geradoras de outras migrações forçadas e de movimentos de retorno, assim como de mudanças de estatuto individual, por exemplo, com a superação da condição de colonizado e subalterno; e, finalmente, o impacto das guerras civis, que, no caso de Angola, com um reportório já integrado na Guerra de Libertação e com um breve interregno no início dos anos 1990s, se estendeu de 1975 a 2002 (PINTO, 2016). Contextos como estes tendem a afectar profundamente a auto-percepção individual e a que se tem dos outros. Tais “altered perceptions” (LASSIG, 2008, 19) introduzem complexidade nas clássicas e simplistas percepções dicotómicas de origem *colonial* e *nacionalista* que, no seio dos colonizados e entre estes e os colonos, e no caso específico de Angola, ficam ilustradas no uso relacional,

antonímico ou intercambiável, de termos como os de *Negro autóctone*, *Indígena*, *Negro Português*, *Africano Português*, *Assimilado*, *Filho da Terra*, *Branco de Segunda ou Malnascido*, *Euro-Africano*, *Nguetas*, *Tuga*, *Português* ou ainda os de *Terrorista*, *Combatente da Liberdade* (“freedom fighter”) *Revolucionário*, *Contra-Revolucionário*, *Traidor* [“sell-out”], *Herói* ou *Colaborador*. (BRIZUELA-GARCIA, 2007, 64; GERTJEJANSSEN, 2014, p. 100-101; KHAZANOV e PAYNE, 2009; MENESES, 2010; MENESES, 2017, p. 151; NAERT, VERFAILLIE e VANRAEPENHBUSCH, 2016, p. 213-214; NETO e NETO, 2012, p. 504-509; PACHECO, 2016, p. 695, 698). Nestas circunstâncias, a plausibilidade de narrativas biográficas lineares merece um particular escrutínio.

O foco do presente artigo é, pois, Agostinho Neto como *objecto historiográfico* transnacional e tem como fim proporcionar uma perspectiva histórica sobre as narrativas biográficas a ele dedicadas. Tal abordagem, compreendida num espaço não circunscrito a uma História/Historiografia Nacional/Nacionalista e com uma profundidade temporal de cerca de meio século, favorece uma reflexão mais larga sobre as dinâmicas históricas do uso e construção das representações biográficas e suas condicionantes. Isto parece-me particularmente útil num momento em que, mais por acção de historiadores não-académicos (PORCIANNI e LUTZ, 2010, xiv), intensifica-se a publicação de narrativas de carácter autobiográfico e memorialista de angolanos² que, ao ampliar a fronteira do conhecimento factual sobre a acção de Agostinho Neto ao longo dos seus cerca de 35 anos de acção literária e política, complicam e problematizam tanto o legado histórico individual, como o legado biográfico produzido. Não se pretende aqui revisitar ou aprofundar a *Rerum Gestarum* do biografado mas dar a conhecer a produção biográfica, escrutinando, em particular, as suas práticas e modelos, de forma a apreciar a plausibilidade das narrativas produzidas e questionar a eventual distância entre a vida vivida e a vida narrada.

Este escrutínio biográfico é conduzido pela lente de historiador académico, numa era de “biographical (re-)turn” (PERRY e LEWIS, 2010), iniciada em finais dos anos 1980, marcada pela variedade nas modalidades e conceptualizações de escrita biográfica

2A título de exemplo refiram-se, porque muito recentemente publicados: REIS, 2017; MENEZES, 2017; ANDRINGA E SOUSA, 2017; LOPES, 2017.

e pela “New Biography in *Historical Practice*”, que vive ainda um ambiente de exploração, experimentação e testes (BENTON, 2009; CAINE 2010; DEPKAT, 2014; MARGADANT, 1996). Sendo detectáveis distâncias nas conceptualizações personalista (RENDER e HAAN, 2013), comparatista (ROTEBERG 2010), contextualista (BARMAN, 2010) ou construtivista (LASSIG, 2008) da narrativa biográfica cognitiva ou entre as “primary historical-biographical forms” identificadas por Birgitte Possing³, todas elas incorporam o que constitui um dos princípios cardinais da escrita da história académica (cognitiva): a narrativa é elaborada com base em fontes e estas devem ser apresentadas de forma clara e objecto de crítica (COHEN e O’CONNOR, 2004, xix, p. 24-26). Além disso, pelas suas fortes limitações e inconsistências, o clássico modelo narrativo linear, predominantemente teleológico, ficou superado com a inclusão na explanação da discussão crítica [debate] das interpretações contrastantes [auto, coevas e dos biógrafos] sobre a vida dos biografados o que exige, da parte dos biógrafos, clareza nas orientações epistemológicas, no esquema interpretativo e nas linhas condutoras que organizam a estrutura caleidoscópica da biografia (LASSIG, 2008, p. 9-13).

A “questão das fontes”, como alicerce das narrativas biográficas constitui pois o primeiro critério que utilizarei no escrutínio da produção biográfica dedicada a Agostinho Neto. O critério complementar é o da linearidade ou complexidade da narrativa, visto através do princípio organizador da estrutura da narrativa, da integração da polifonia (o debate) e das coordenadas interpretativas ou generalização (MUNZ, 2006).

O *corpus documental* é constituído pela produção biográfica dedicada a Agostinho Neto. Ele compreenderá exclusivamente a produção textual, deixando desde logo de fora outras formas de produção biográfica, do período colonial e pós-colonial, como as elaboradas por outros suportes *media*, de radiodifusão ou visuais, ou expressas em monumentos, museus e roteiros de exposição celebratórios e outros repositórios de legados (booklets ou textos panfletários⁴, etc). Ficaram também de fora, entre outros, os

3 B. Possing identificou oito “primary historical-biographical forms”: a clássica; a existencial (total); como prisma (janela); como “reflector-cultural»; como “life and times” / “life-work-times” (total ou dialéctica); a relacional; e, finalmente, “the historiographical biography” [POSSING, 2001 e 2017]. Outras tipologias interdisciplinares em RASSOOL (2004), literárias em BENTON (2009).

4 Exemplo deste tipo de documentos: BARNETT e HARVEY, 1972.

registos biográficos policiais, e os textos de imprensa⁵, os obituários, as “short biographies” e a literatura figurada (KENDALL, 1965; RASSOOL, 2004).

Para a criação do *corpus biográfico* tomei como ponto de partida a revisão das narrativas biográficas do modelo enciclopédico (Colecções de Referência). O primeiro “Political Dictionary on Africa” foi publicado em 1961, com uma sequência mais restrita em 1962: Agostinho Neto e outros actores políticos do nacionalismo angolano integraram a galeria tanto do *Political Africa: a Who's Who of Personalities and Parties*, como do *African Profiles*. (SEGAL, HOSKYNS e AINSLIE, 1961; SEGAL, 1962). Estes *biographical sketches*, compreenderam em grande parte, vidas incompletas de políticos ainda no activo. Os autores, intelectuais e académicos sul-africanos no exílio, não esconderam as suas “partisan convictions” mas conseguiram uma “posture of objectivity”, que as tornou obras de referência (MUNGER, 1963, 713; DAVIDSON, 1966; MARCUM, 1969; CARTWRIGHT, 1983). Com a morte de Agostinho Neto (1979), a publicação deste tipo de narrativas biográficas, agora completas, conheceu um impulso expressivo nas enciclopédias e dicionários históricos, num formato narrativo linear-progressivo de factos seleccionados, frequentemente replicados, e determinados pela periodização política contextual (história política do MPLA/ANGOLA) (MARTIN, 1980; OLIVEIRA, 1980; GEPB, 1986; BROADHEAD, 1992; NEB, 1993; CASTELO, 1996). A partir de finais dos anos 1990, acentuam-se as perspectivas interpretativas mais essencialistas, subjectivamente orientadas e claramente paralelas. (BIRMINGHAM, 1999; FREDRIKSEN, 2003; MARGARIDO, 2008; BRINKMAN, 2005; GONÇALVES, 2012).

Neste conjunto de *sketches*, na sua maioria assinados por académicos (cientistas políticos, historiadores, antropólogos e literatos), além da quase ausência de autores, instituições e editoras africanas e da monofonia sobre a vida narrada de Agostinho Neto, grafando-se a perspectiva exclusiva do biógrafo, indutora de um falso consenso, destaca-se a invulgar e tardia inclusão das *fontes* principais em que aquelas narrativas se

⁵Ver p.ex. TOMÁS, António. O homem que sonhou ser presidente. *Jornal Público* [Revista Pública, 174], Lisboa, 26.09.1999, com crítica de Carlos Pacheco [Agostinho Neto: um retrato histórico ambíguo. *Jornal Público*, Lisboa, 10.10.1999].

alicerçaram e mesmo assim, só excepcionalmente tais referências contemplaram textos biográficos (JONES, 2008; GONÇALVES, 2012).

Todavia, desde os anos 1980, a produção biográfica sobre Agostinho Neto não deixou de ser quantitativamente relevante (13 títulos) tendo algumas das biografias sido elaboradas por académicos ou em contexto académico (KHAZANOV, 1986; FEEA, 1989; LARANJEIRA, 2008; BUNGO, 2015; KANDJIMBO, 2011), outras comissionadas por instituições oficiais ou orientadas para a defesa do legado Netista e do MPLA (CEH MPLA-PT, 1990 e 2000; AA.VV., 2002; BARRADAS, 2010; OMOTESO, 2009; NETO e NETO, 2012) ou realizada por iniciativa de autores e editoras independentes (CARREIRA, 1996; COSME, 2004; PACHECO, 2016). É este conjunto de narrativas biográficas que aqui será objecto de escrutínio.

O *corpus biográfico* será analisado e categorizado a partir de duas classificações gerais, uma centrada no tipo de informação e a outra nos objectivos. A primeira, é uma adaptação da já clássica *dupla classificação*, proposta por Paul Kendall, cuja adequabilidade decorre da sua capacidade de acolher uma vasta gama de narrativas biográficas. Este historiador da literatura estabeleceu uma primeira distinção entre as biografias baseadas no conhecimento pessoal ou «vital relationship between the biographer and his subject» e as biografias elaboradas a partir de investigação. Para estas últimas, considerando a “*comparative objectivity of approach*”, Kendall destacou quatro categorias que colocou numa escala gradativa das mais objectivas - a Infomativa e a Crítica -, às mais subjectivas - a Pura e a Interpretativa-, considerando que os tipos Biografia-Ficcionalada e Ficção-Biografia só “*by courtesy*” podiam ser incluídas na literatura biográfica (KENDALL, 1974), e, por isso o historiador Stephen B. Oates, simplificou o quadro, reduzindo-o a três formas (OATES, 1986, x-xi) (Tabela 1).

A segunda classificação, proposta por Roderick Barman, organiza-se a partir do “focus” da biografia, e fixa quatro tipos: a “celebratory biography” dos “great men”; a “psycobiography”, que privilegia também a singularidade (personalidade interior) dos homens notáveis; a “narrative biography”, como narrativa-contentor e linear; e a biografia-contexto (BARMAN, 2010). A estes tipos gerais, que não são nem precisam de ser sobreponíveis, adiciono uma outra categoria que designo de Biografia Construtivista, que assenta no pressuposto de que “*Se hace camino al andar*” (MACHADO, 1912) isto

é, que a “evolution of the lives of [...] men and women is never explained as predestined or inevitable, not solely defined by their roles in the [colonizing] process”; exige consistência nos planos teórico, metodológico e empírico; organiza-se a partir da reconstrução da vida vivida dos biografados (“continuously fuelled by explorations of motivation, need, and opportunity”); é dotada de uma estrutura temática multifacetada, integradora das controvérsias e relacional com o(s) contexto(s); em suma é uma “synthetic form of biographical narrative” que combina “life description, literary account, and historical analysis”, cujo potencial reside precisamente nesta “multifaceted nature”, permitindo a convivência dos tipos cartesianos (LASSIG, 2008; BRIZUELA-GARCIA, 2007, p. 67-80; DLAMINI, 2015, p.41).

O estudo fica organizado em mais três secções. A próxima submete a escrutínio historiográfico o *corpus biográfico* dedicado a Agostinho Neto. Colocado o foco na questão das fontes e no modelo narrativo e dando um uso eclético à adaptada dupla classificação biográfica, procuro mostrar que as narrativas dedicadas a Agostinho Neto, pelo critério da robustez das fontes, não podem ser incluídas na sua maior parte, nas categorias de biografia informativa e acumulativa; que, do ponto de vista do propósito, na explanação e interpretação, são narrativas essencialmente celebratórias ou do seu oposto (que designo de teratografia) mas todas teleológicas, essencialistas e monofónicas, tendencialmente *partisan* e ideologicamente orientadas pelo internacionalismo socialista, pelo nacionalismo exclusivo e pelo debate político, não historiograficamente problematizado. Tudo somado, oscilam num grupo de categorias que são “unproductive forms” (BARMAN, 2010, p. 63-64), a evitar pelos biógrafos. As raras contribuições provenientes do mundo académico não fogem ao padrão acima definido. As formas biográficas de história cognitiva estão ausentes. A terceira secção revisita algumas das controvérsias em torno do biografado para sugerir temas e questões para uma narrativa biográfica problematizada. Na secção final, o panorama da historiografia biográfica na África Austral mostra que a actual “situação” na escrita de biografias históricas sobre angolanos, como Agostinho Neto, não é inelutável.

2. As biografias sobre Agostinho Neto: entre a Hagiografia e a Teratografia? A era pré-debate.

O escrutínio do *corpus biográfico* de Agostinho Neto, com base nas categorias biográficas baseadas na relação com as “fontes” e no propósito da narrativa, está sistematizado na Tabela 1, que permite estabelecer alguns traços gerais. Desde logo, fica saliente uma produção narrativa onde se destaca mais a contribuição dos não-acadêmicos e dos literatos, do que a dos historiadores. É particularmente singular a quase ausência dos historiadores académicos, apesar de um deles ter assinado a primeira biografia (KHAZANOV, 1986) e a residual e elementar produção histórica elaborada em contexto académico (BUNGO, 2015). Uma segunda característica desta produção, até por nela estar muito presente a dimensão literária, é a preferência pela fase criativa do Agostinho Neto Poeta-Activista. Se a tal arco temporal se submeteram também algumas biografias organizadas pelo prisma político (CEH MPLA-PT, 1990 e 2000), as restantes ambicionaram a vida completa (KHAZANOV, 1986; CARREIRA, 1996; BARRADAS, 2005) ou foram pelo menos mais compreensivas pela sobreposição das fases formativa e de exílio- luta de Libertação (NETO e NETO, 2012) ou desta última e a da pós-colonialidade (PACHECO, 2016). Todavia, do ponto de vista do princípio organizador da narrativa da vida de Agostinho Neto partilham de uma periodização que reconhece três fases principais separadas por “momentos” do contexto político: a fase da formação do Neto poeta e ativista anti-colonial [1922/45-1959/62]⁶, teleologicamente rotulada de “O Nascimento de um Líder” (KHAZANOV, 1986; BARRADAS, 2005, 19) ou da formação do Moisés angolano⁷ (BARRADAS, 2008); a fase da liderança do MPLA na luta de Libertação (1959/62-1975) e, finalmente, a breve fase presidencial (1975-1979).

Uma parte desta literatura biográfica foi elaborada com base em “investigação”, aqui entendida no sentido lato. A pesquisa conduzida na perspectiva da história e teoria literária está alicerçada na exploração interna e facial da produção literária Netista, que é também apresentada como “documento histórico” (*res gestae*) “e de história” (*rerum gestarum*) da experiência dos colonizados e das ideias e propostas políticas e sociais de Neto, sem que tal característica tenha sido substancialmente fundamentada (NETO, 1982;

⁶Em NETO e NETO (2010) a periodização proposta para 1922-1959, estabelece duas fases, sendo a primeira a do “infante e jovem” e a segunda, 1945-1959, a do universitário e de poeta-militante.

⁷Sobre a “profetização”, os “Black Moses” e as “Black hagiographies” (WATTS, 2001, p. 313-314).

FEAA, 1989; COSME, 2004; BARRADAS, 2008; LARANJEIRA, 2008; OMOTESO, 2009; KANDJIMBO, 2015). Em matéria de fontes, a narrativa biográfica política é mais heterogênea nas combinações e muito pouco criteriosa no seu uso, que é geralmente errático, a-sistêmico e manipulador. Se em alguns casos as fontes nem sequer são explícitas (NETO e NETO, 2012, p. 7-486; BUNGO, 2011), o mais frequente é estas narrativas alicerçarem-se na sobreposição: de segmentos da literatura netista, como repositório de memória, por vezes tida por colectiva, outras vezes por individual (KHAZANOV, 1986; FEAA, 1989; CEH MPLA-PT, 1990; COSME, 2004, BARRADAS, 2005); de documentos avulsos do MPLA [KHAZANOV, 1986; FEAA, 1989] e da administração colonial ou da Polícia Política portuguesa (CEH MPLA-PT, 1990; COSME, 2004; BARRADAS, 2005) e em fontes orais (depoimentos, entrevistas) com um viés casuístico. Outras ainda convocam a memória do relacionamento pessoal (FEAA, 1989, 61-78 e 313-330; CARREIRA, 1996), que pode aparecer como suplementar de outros recursos documentais (COSME, 2004; PACHECO, 2016). Mais do que os lapsos técnicos na organização das fontes e bibliografia, são a prática recorrente da sua omissão ou a deficiente referenciação que constituem o aspecto mais negativo (KHAZANOV, 1986, p.160-169; CEH MPLA-PT, 1990 e 2000; BARRADAS, 2005; NETO e NETO, 2012, etc). Em rigor, no corpus biográfico em análise, a única narrativa histórica que usa um aparato de fontes expressivo e organizado e o explora com alguma coerência implícita, é *Agostinho Neto. Perfil de um Ditador* (PACHECO, 2016). Todavia, nem mesmo neste estudo se pode encontrar uma discussão sobre a “questão das fontes”, os critérios da sua selecção, a reflexão crítica no seu uso.

Do ponto de vista do propósito, são na sua ampla maioria narrativas biográficas celebratórias de um grande homem, dotado de qualidades e carácter excepcionais, realizador de uma obra notável, que, apesar das dificuldades e adversidade, foi “um homem nos alicerces do mundo” (BARRADAS, 2010, p. 91), “mas só um homem”, que foi capaz de “dirigir e formatar um Estado-Nação” (COSME, 2005) e, seguindo Ebenezer Omoteso, uma figura exemplar do intelectual-activista revolucionário, independentista e afro-angolano, convertido em “fonte de aprendizagem e emulação” para os jovens angolanos e africanos, que deviam “rejeitar os escritores e líderes políticos de direita, como Senghor”, o senegalês euro/franco-africano, neo-opressor e neo-colonialista

(OMOTESO, 2009, p. 5-10, 17, p.49-50). Não é difícil ver aqui uma extensão da seminal e duradoura tendência para a escrita de uma “heavily mythologized history of the Liberation Movements” e dos seus líderes (TELEPNEVA, 2014, 13). Só muito recentemente se vislumbram abordagens com novidade, como a de Luís Kandjimbo que, a partir de uma análise sistemática dos textos poéticos, procurou reconstituir o itinerário de Agostinho Neto na construção da sua “identité individuelle” dentro da Geração Literária de 1940, perspectiva que pode trazer substância à simples afirmação de que tal obra é “documento histórico e de história” (KANDJIMBO, 2011). A segunda é a biografia política de Agostinho Neto assinada pelo historiador independente Carlos Pacheco que explicitamente assume um propósito crítico que analisarei mais adiante.

As tonalidades destes traços acentuam-se quando ilustradas com a análise mais detalhada de algumas destas obras. E tal incursão tem a adicional virtude de permitir o escrutínio da linearidade ou complexidade da narrativa biográfica e as perspectivas interpretativas que as modulam. Pela sua relevância como objecto historiográfico e porque constituem marcadores na historiografia dedicada a Agostinho Neto, vou centrar-me em KHAZANOV (1986), NETO e NETO (2012) e PACHECO (2016). As duas primeiras obras são o ponto de partida e o actual ponto de chegada de uma narrativa teleológica tendencialmente hagiográfica, internacionalista ou nacionalista-exclusiva; a última, marca, de certa forma, o início de uma fase biográfica “crítica”, onde se vislumbra uma perspectiva mais de controvérsia política do que de crítica historiográfica, e uma tentação teratográfica.

A “escola” Internacionalista ou a “Redfeet” biográfica: a hagiografia como exemplo revolucionário.

Em 2012, sob a direcção do académico Apollon Davidson, foi editada, em Moscovo, a *História de África em Biografias* (DAVIDSON, 2012). A obra compreende 164 *sketches* biográficos, 61 (37%) das quais são de personagens da África Austral. O dedicado a Agostinho Neto (DAVIDSON, 2012, 271-279) foi assinado por Anatoly Khazanov, historiador com uma longa carreira, iniciada em 1958, no moscovita Instituto de Estudos Orientais, referenciado como um dos mais importantes especialistas soviético-

russos de História do Colonialismo e dos Movimentos de Libertação das Colónias Portuguesas⁸. Neste *sketch*, Khazanov apresenta uma síntese da sua obra *Agostinho Neto*, cuja edição original é de 1985 (KHAZANOV, 1986). Esta biografia, das dedicadas a Agostinho Neto, é a única elaborada por um historiador académico e teve como propósito, não a “complete biography [...] of such an extraordinary and complex figure”, mas estabelecer os principais *estágios* da vida de Agostinho Neto e descrever o seu papel na luta de libertação nacional (Angola). Para isso, sob o critério da liderança política, adoptou o modelo descritivo linear progressivo clássico. Organizou-a em três grandes capítulos, centrando o primeiro no “Nascimento de um líder”, o segundo no líder em acção na Revolução Nacionalista angolana, exclusivamente protagonizada pelos “patriots” do MPLA (1954/62 a 1975) e, o último, no líder revolucionário da Ditadura Democrática, como Presidente da República Popular de Angola e da sua neo-vanguarda revolucionária, o MPLA-PT (KHAZANOV, 1986, p. 6-9, p. 251-253).

O historiador não deu qualquer explicação sobre a metodologia adoptada nem sobre as fontes que usou, excluiu ou omitiu. Percebe-se, no entanto, que, para o terceiro capítulo, além de discursos e declarações de Agostinho Neto, houve um intenso contributo informativo da imprensa oficial angolana (*Jornal de Angola*, 1975-1979) e de outra imprensa de orientação comunista, como *L'Humanité*⁹ e as inspiradoras interpretações biográficas e contextuais do *The African Communist*, o “Quarterly Journal of the South African Communist Party” que, fundado em 1959, se tornou, a partir do início dos anos 1960, num fórum do pensamento Marxista-Leninista.¹⁰ O primeiro e segundo capítulos ficaram tributários dos textos poéticos (NETO, 1974), como repositório de memória-experiência pessoal [e não emprestada], e dos discursos políticos de Neto, assumidos como a *realidade*; a este núcleo-base adicionou alguma imprensa internacional profissional (*Le Monde*, *The NY Times*; *The Observer*; *The Guardian*, *The Nation*) ou militante (*L'Étudiant*; *L'Humanité*, etc), que foi explorada erraticamente, e uma selectiva

8Cf. <http://www.vostokoved.ru/Личные-странички/hazanov.html>

9*L'Humanité* foi, até 1994, o “Organe central du Parti communiste français” (Bernard Chambaz, *L'Humanité, 1904-2004*. Paris: Seuil, 2004).

10*The African Communist*, a partir de 1962, assumiu ser “published in the interests of African solidarity and as a forum for Marxist-Leninist thought throughout our Continent”. Ver *The African Communist*, nº 8 (1962) a nº 195 (2017). Sobre as interpretações inspiradoras ver por exemplo *The African Communist*, Nº 74 (1978), p.18-36 e p.53-73; Nº 80 (1980), p. 49; Nº 92 (1983), p. 87-96.

literatura “clearly influenced by the ideological and political issues of that time, very much marked by the stigma of ‘redfeet’” (VIDAL, 2002, 91-96), na qual estão incluídos KAPSKY/TYAGUNENKO (1974), GIBSON (1972)¹¹, GABRIEL (1978), DAVESIES (1965), DAVIDSON (1962, 1972), COSSE e SANCHEZ (1976), BARNETT e HARVEY (1972) e HUMBARACI e MUCHNIK, 1974)¹². Pontualmente, Khazanov recorreu a *The Angolan Revolution* de John Marcum (MARCUM, 1967, 1978), académico cuja obra não hesitou em desvalorizar com o anátema da ligação a Holden Roberto (UPA) e à CIA (KHAZANOV, 1986, p.64-65; GABRIEL, 1978, p. 97)¹³, à tese de mestrado [1969/1970] do activista nacionalista e historiador angolano Mário Clington (CLINGTON, 1975) e a alguma literatura clássica associada à descrição do emergente nacionalismo revolucionário angolano (OKUMA, 1962; ADDICOTT, 1962), assim como a nótulas memorialistas (ABREU, 1979). Finalmente, o autor apelou generosamente a alguns “authoritative testimoines” (fontes orais), citados em segunda mão ou apresentados na forma “told the author of this book” e nem sempre nominativamente identificados, mas entre os quais estão incluídos Iko Carreira, Lúcio Lara, Domingos da Silva, António Jacinto e anónimos veteranos de guerra e funcionários do MPLA¹⁴.

Todavia, o texto organizador de toda a narrativa Khazanoviana foi sem dúvida o *Relatório do Comité Central ao 1º Congresso do MPLA* [Dezembro de 1977] (NETO, 1978), congresso que interpretou como o mais importante acontecimento na História do MPLA (KHAZANOV, 1986, 280) e relatório que, nos meios marxistas-leninistas da época, foi visto como “a brilliant summary of the History of the MPLA and a explanation

11Da obra do fundador e editor (1962-1964) da *Revolution Africaine*, KHAZANOV fez um uso muito selectivo, omitindo as interpretações mais controversas de R. Gibson, entre as quais: o balanço sobre a literatura dedicada aos movimentos de libertação [“most of [...] has been propagandistic, largely eulogistic and outrageously biased”]; a “couvert assistance” da CIA a todos os movimentos de Libertação africanos, sem excepção; a Guerrilha do MPLA mais orientada para o combate à FNLA do que as forças militares coloniais (*The African Communist*, 51 (1972), p. 33-46).

12O autor, por intermédio de Douglas PORCH (1977, 55), referencia ainda Márcio (Moreira) Alves (1936-2009), como historiador português. Na verdade, o autor de *Les Soldats Socialistes du Portugal* (Paris: Gallimard, 1975), de que há tradução em castelhano [*La Revolution de los Militares Portugueses*. Barcelona. Ed. Euros, 1976], era brasileiro, jornalista, exilado em Paris desde finais dos anos 1960, onde se doutorou em Ciência Política. Em Setembro de 1974, veio para Portugal, como professor de Economia Política do ISEG, como se pode ler na badana da edição francesa. O livro é muito convocado mas raramente lido. Ver por exemplo: HALLS (2011), nota 183.

13Sobre a consistência, coerência, mestria e base empírica do estudo seminal do cientista político John Marcum, e crítica ao seu esquema interpretativo (a metáfora da Tripolaridade), ver: WALLERSTEIN (1979).

14Sobre este uso errático de fontes orais ver KHAZANOV, 1986, 40, 124- 170, 211, etc.

of the way it has triumphantly applied the principle of Marxism-Leninism in the concrete conditions of struggle and reconstruction of Angola” [*The African Communist*, 1980, 51]. O *Relatório* recuperou a narrativa do MPLA sobre a “Idade Colonial” da *História da Angola* e adicionou a referente ao “Período da Libertação, que começa em 1961” (MPLA/CEA-GTHE, 1975, p. 177), focada na História do MPLA, “a melhor obra do povo angolano, até hoje” (NETO, 1978, p. 11). E é óbvia a aproximação entre a meta-narrativa que guiou *Agostinho Neto* e a “Introdução Histórica” que abriu aquele *Relatório*, assim como a ampla colagem textual ao restante documento em segmentos extensos do terceiro capítulo da biografia (NETO, 1978, p. 9-101 e KHASANOV, 1986, p. 251-298).

A omissão de literatura académica já então disponível (VIDAL, 2002, p. 97-106) facilitou a interpretação linear e imaginativa da vida e acção política de Agostinho Neto e do MPLA, com base na metáfora da bipolaridade e do patriotismo exclusivo. Quando os dados eram escassos ou ambíguos, “let us try to imagine” (KHAZANOV, 1986, p. 16). E o historiador não se conteve: o *4 de Fevereiro* e o *15 de Março de 1961* não só foram acções do MPLA como se traduziram na temporária experiência radical que foi a “People’s Socialist Republic of Nambuangongo” (1961), correspondendo a uma área libertada de 60.000 pessoas, cuja queda converteu num heróico “Angolan Stalingrad”, tendo como base a especulação de um oficial militar britânico, colaborador do Exército Português (como formador nos Altos Estudos Militares) (WARING, 1962, p. 39), uma hipótese afastada MARCUM (1969, 212-217) mas que Khazanov, por empréstimo de DAVEZIES (1965), procurou converter em realidade sem qualquer evidência realmente substantiva¹⁵.

Além disso, na leitura do trajecto do nacionalismo-patriótico para o revolucionarismo-vanguardista, a divergência ou o dissídio cultural-ideológico e político foi sistemática e exclusivamente interpretado como “treachery” aos “patriots” angolanos (Neto/MPLA). Assim ficaram cunhados o “poet, historian e sociologist” “Mário António, porque em 1959 se convertera às teses do luso-tropicalismo; os pró-imperialistas e neo-colonialistas Holden Roberto [UPA] e o “unprincipled adventurer” Jonas M. Savimbi

15A possibilidade da existência da “People’s Socialist Republic of Nambuangongo” nem sequer merece menção na recente historiografia oficial do MPLA: CEH-MPLA (2014, 168-175, 217-224). Ver ainda “Comandante Margoso Story” (BURCHETT, 1978, 13-24). Sobre a propaganda em torno dos levantamentos de 1961 ver PACHECO, 2016, p. 94-97.

(UPA/GRAE-UNITA), com as suas recorrentes conexões aos USA/CIA, ao Ocidente, às forças coloniais portuguesas [FAP e PIDE] e aos “intervencionistas” da 2ª Guerra de Libertação [11/1975-03/1976]; os cabindenses da FLEC; os “liquidationist” e “factional elements” do MPLA, de Viriato da Cruz, que transitou para a UPA [1963], a Daniel Chipenda (Revolta do Leste, 1973-74), com contactos com a PIDE e posteriores laços aos intervencionistas, e aos ambiciosos irmãos Pinto de Andrade [Revolta Activa, 1973-1973], ligados a interesses ocidentais, terminando nos Nitistas (1977), que protagonizaram um golpe de estado (1977), imperialista, reaccionário e coordenado com a UNITA, a FNLA e os intervencionistas da USA/CIA, do Zaire e da República da África do Sul (KHAZANOV, p. 45-66, p. 137-152, p. 199-206, p. 262-269).

Se a adopção da tese dos laços anti-nacionais e da purificação ideológica (luta de classes interna) não constituía propriamente uma originalidade interpretativa¹⁶, surpreende a forma a-crítica com que o historiador fez uso das fontes orais. A teoria da traição à Pátria Angolana, emprestada de Burchett¹⁷, está alicerçada em depoimentos de activistas com trajectos de dissídio e deserção dos outros movimentos de libertação, como Manutoma, Alicerces Valentim, Marcos Kassanga e o Comandante Margoso e em informações informalmente recolhidas junto de um activista moçambicano da FRELIMO, Aquino de Bragança, porque se considerava como “one of the best-informed minds on everything concerned with the national liberation struggles in the Portuguese colonies” (KHAZANOV, 1986, p. 62-66 via GIBSON, 1972, p. 229 e GABRIEL, 1978, p. 99; BURCHETT, 1978, p. 25-56).

A bipolaridade como esquema interpretativo teve implicações mais profundas: enquanto a acção dos adversários políticos angolanos, independentemente da substância empírica, foi recorrentemente vinculada a interesses externos (a clássica metáfora das “puppets” dos colonialistas, neo-colonialistas e intervencionistas), como notou o historiador russo Alexey Ryabinin, o processo de mobilização do apoio e intervenção dos

¹⁶Na verdade KHAZANOV adoptou liminarmente a “narrativa” oficial do MPLA. Ver NETO (1978, 17-19, 21-24) e Lúcio Lara em entrevista ao *The Communist Revolution*, nº 75, 1978, pp. 53-73 (The Angolan Revolution: main phases in the Development of MPLA).

¹⁷Tal interpretação é o guião dos *sketch* biográficos que Burchett dedicou à “treason” de Holden Roberto; à “tactical cooperation” or “objective” traição de Jonas Savimbi, um “Portugal’s man from the moment he founded UNITA” que, numa “natural transition”, converteu mais tarde na “alliance with the South African Racists”; em contraponto, à “The Long March of Agostinho Neto” (BURCHETT, 1978, p. 25-56).

soviéticos e cubanos ao lado do MPLA ficou diluído na retórica da reserva estratégica e da solidariedade desinteressada dos Países socialistas europeus, ou foi mesmo omitido, como no caso do 27 de Maio de 1977 (RYABININ, 2013; KHAZANOV, 1986, p. 235-248, p. 262-267).

Os esquemas narrativo-linear e interpretativo-bipolar explícito em Khazanov estão generalizados na coeva geração “internacionalista”, como os contributos do *africanista* Rostilav Ulyanousky (ULYANOUSKY, 1983 e 1984) e dos jornalistas-activistas Wilfred Burchett (BURCHETT, 1978) e Arslam Humbaraci e Nicole Muchnik (HUMBARACI e MUCHNIK, 1974) ilustram. Nesta literatura militante, o interesse não estava tanto em conhecer o passado e sua complexidade, mas colocar tal passado ao serviço da *revolução* que se acreditava ser o presente-futuro. Nesta escrita sobre o passado com uma marcada *pegada vermelha* (VIDAL, 2002, p. 91-96), a biografia de Agostinho Neto converteu-se, no essencial, não apenas na hagiografia de um nacionalista mas numa narrativa exaltante e fabricante de líder internacionalista, progressivamente orientado pelo “genial teaching of Marxism-Leninism,” que, fazendo o caminho coerente e progressivo da revolução nacional-patriótica para a revolução democrata-popular e para a Ditadura do Proletariado, tornou-se um exemplo-guia na história da liderança revolucionária mundial cujas característica chave eram: a absoluta dedicação à causa da liberdade (“sacred duty”); a infinita capacidade de sofrimento e sacrifício; a inabalável crença no poder popular; o talento em manter um contacto íntimo com as massas em todas as etapas da luta revolucionária; e, acima de tudo, “a clear and scientific understanding of the revolutionary process”, ou seja, a fidelidade marxista-leninista.¹⁸ É claro que a dimensão cognitiva (“research-based”) da realidade plausível em tal narrativa não era aspecto essencial, como bem destacou Alexey Ryabinin (RYABININ, 2013). E é nesta linha, de uma narrativa exemplar-revolucionária, que faz também sentido integrar o serôdio estudo de Ebenezer Omoteso (OMOTESO, 2009, p. 5-10, 17, 49-50).

18Cf. *The African Communist*, 80,1980, p. 49-51 (Death of President Neto. A tragic loss for Africa and the World).. Ver ainda KHAZANOV, 1986 (p. 85-89; 117-122; 146-157, 161-163, 276, 296-300) ULYANOUSKY (1983) e (1984) e BURCHETT (1978).

A Escola não-académica nacionalista e lusófona e os seus críticos: entre a hagiografia e teratografia ?

A generalidade das subsequentes contribuições biográficas não desafiam o modelo interpretativo geral acima apresentado, embora o reconduzam para um quadro historiográfico nacionalista. A meta-narrativa aqui não é a liderança internacionalista, mas a exemplaridade da liderança na marcha da história a caminho da inevitável “nova vida” que superaria o capitalismo-colonial e possibilitaria a formação de um estado-nação pelos seus *patriotas* (NETO, 1978, p. 9-25). E ela, sem destacáveis excepções, comandou as narrativas independentemente das dimensões da acção do biografado e da base documental. O que distingue, das antecedentes, estas construções biográficas essencialmente lusófonas e elaboradas entre os finais dos anos 1980 e 2010, não é a influência do marxismo político e cultural nem a proximidade pessoal e afectiva a Agostinho Neto, nem o facto dos biógrafos serem predominantemente intelectuais, no sentido lato e em grande parte não institucionalizados academicamente, mas o foco nacionalista-exclusivista, como história dos Patriotas¹⁹.

Na verdade, se no campo académico da Literatura parece existir um maior e mais persistente interesse no Poeta e Político Agostinho Neto (SANTOS, 2009), o mesmo não se pode dizer do campo da História, onde de facto, a investigação biográfica, em todos os contextos historiográficos acessíveis, não existe ou é completamente marginal e, quando detectada, surpreendentemente débil²⁰. Matéria a que regressarei mais adiante.

Isto conduz à concentração desta análise em duas obras, que, por razões diferentes, me parecem as mais importantes na existente historiografia biográfica dedicada a Agostinho Neto: refiro-me a *Agostinho Neto e a Libertação de Angola, 1949-1974. Arquivos da PIDE-DGS* (NETO e NETO, 2010) e *Agostinho Neto. O Perfil de um Ditador. A História do MPLA em Carne Viva* (PACHECO, 2016). A primeira é uma boa representante da tradição narrativa nacionalista-exclusivista celebratória e não académica

19Sobre a Historiografia Nacionalista radical e o conceito de História Patriota no contexto da África Austral, ver RANGER, 2004.

20Em rigor, nos repositórios universitários africanos, europeus, americanos e asiáticos acessíveis encontramos apenas um Dissertação de Mestrado em História dedicada a “O Pensamento Político de Agostinho Neto no contexto da Luta de Libertação Nacional em Angola” (BUNGO, 2015)], um narrativa sem historiografia e pesquisa nos seus alicerces.

que emergiu nos anos 1980 e, além disso, permite regressar à questão das fontes. A segunda marca uma ruptura radical com aquela tradição, colocando-nos em presença de narrativas completamente paralelas.

Para analisar o lugar destas duas obras na Historiografia Netista é indispensável regressar a *The Angolan Revolution* do cientista político John Marcum [MARCUM, 1969 e 1979], obra que, embora conduzida sob o explícito modelo interpretativo da “tripolarity of Angolan Nationalism” já problematizado (PIMENTA, 2008), continua a ser, com a sua extraordinária base empírica, a obra fundamental sobre a história da evolução e das conexões dos movimentos ligados ao Nacionalismo Revolucionário angolano: “no one will do this again for a long time”, pressentiu-o Immanuel Wallerstein (WALLERSTEIN, 1979). Aliás, Marcum e Wallerstein patilharam a noção de que, por ausência ou enviesamento da informação, algumas questões do nacionalismo angolano não podiam ser naquela época tratadas de forma consistente. Referiam-se em concreto, à experiência do exílio, à “true internal history of the MPLA” [a que podemos acrescentar, as dos outros grupos e movimentos de libertação], e à história das áreas libertadas, que viam mais como propaganda do que realidade (MARCUM, 1978, p. 108-113, 177, 180-183; WALLERSTEIN, 1979). E convergiam ainda no entendimento de que avanços cognitivos consideráveis só poderiam ocorrer com novas fontes, enfatizando Marcum, a importância futura das “surely [...] some of the richest sources of information, i.e., the files of Portugal’s secret police (PIDE), as well those of the numerous foreign intelligence services” então interessados em revoluções como a angolana; e acrescentando Wallerstein que “until we get access, if ever, to the secret archives of these movements (which are mostly in the form of very fallible memories) we shall not do better for the chronicle” (MARCUM, 1969, vii-viii; WALLERSTEIN, 1979). Faltou-lhes referir os Arquivos da Organização da Unidade Africana e em particular o(s) fundo(s) do Comité de Libertação. É o laço estabelecido com os fundos documentais PIDE/DGS portuguesa, que aproxima *Agostinho Neto e a Libertação de Angola, 1949-1974* de *Agostinho Neto. O Perfil de um Ditador*. No resto, são em tudo diferentes.

Agostinho Neto e a Libertação de Angola, 1949-1974 é um trabalho comissionado pela Fundação Dr. António Agostinho Neto (Luanda), esta liderada e aquele preparado por elementos da família. Organiza-se em duas partes: uma extensa Introdução que é

seguida pela edição facsimile de “documentos da PIDE/DGS e de outras fontes relativos ao Processo Nº 88 de António Agostinho Neto arquivado na Torre do Tombo, em Lisboa” (NETO e NETO, 2012, Vol. 1).

A introdução (*Agostinho Neto e a liderança pela Luta da Independência de Angola, 1945-1975*) é uma crónica de incidentes consecutivos, deficientemente fundamentada. De facto, o autor, São Vicente²¹, embora tenha sugerido uma “periodização” de “4 momentos” na “vida e luta” do biografado, à mesma não dá qualquer uso e a exposição cronológica ficou fragmentada em 497 tópicos, a maior parte dos quais tem mais a ver com episódios políticos da Luta de Libertação do que com a biografia do “organizador”, “libertador”, “vencedor” [da Luta de libertação e da Guerra Civil], “unificador” e “fundador” da Nação ou com a reconstituição do “percurso” de um “Chefe” a que se atribuíam “todas as culpas” mas que era o que “mais trabalhava e menos regalias tinha” [*Apresentação*]. Trata-se de um texto cheio de citações e completamente limpo de referências, onde são recorrentes considerações diabolizantes - “O protestantismo está contra tudo o que não é verdade na Igreja. Os reformadores do Século XVI examinaram a Bíblia e abraçaram apenas o que era bom”; “Os protestantes: o bom [Agostinho Neto], o mau [Holden Roberto] e o vilão [Jonas Savimbi]” -; generosos os lapsos e imprecisões - como a das relações entre os Movimentos de libertação angolanos e a OUA, ou entre os serviços secretos de Portugal, África do Sul e Rodésia -; e de onde há muito pouco para aproveitar tanto sobre a vida vivida do biografado, como do seu contexto [NETO e NETO, 2012, Vol.1, p.ex. 34, 47, 74, 91, 199, 267-68, 223, 316).

Tabela 2

Documentos do Proc. Gab/88 (Agostinho Neto)* e de outras fontes editados em NETO e NETO (2012)

<i>Geo-Contextos da Vida de Agostinho Neto</i> (**)	Arco Temporal	Nº doc.	%
--	--------------------------------	--------------------------	----------

21 Carlos Manuel Neto de São Vicente, economista, empresário de Seguros e gestor de fundos de pensões, escritor e poeta, casado com Irene Neto, filha de Agostinho Neto. Nos anos 1980 terá sido o fundador da “Brigada Jovem de Literatura de Luanda” [Carmen Secco. *A Poesia Angolana Pós-Independência: tendências e impasses. Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Porto Alegre, Nº 7, p. 83-99, 2006).

Ciclo Trans-Imperial	Angola (1ª Fase)	1922-1946	0	0,0
	Portugal (Europa)	1947 – Dez 1959	88	4,9
	Angola (2ª fase)-Cabo Verde	1960- Jun. 1962	190	10,5
Ciclo do Exílio e Luta de Libertação na África Austral	Léopoldville	Jul.1962- Jun.1963	110	6,1
	Brazzaville	Jul.1963- Mai 1968	267	14,7
	Dar-es-Salam	Jun. 1968- Jan.1975	1159	63,9
Ciclo Nacional	Angola	Fev.1975- Set. 1979	0	0, 0
	TOTAL		1814	100,0

(*)PIDE/DGS, Delegação de Angola, Subdelegação de Luanda, Proc. Gab/88, NT 8014-8018 (12 Vols)

(**) Ver Nota 2, p. 42

O interesse desta obra está apenas na publicação *fac-simile* de 1814 documentos dados como oriundos do processo de informação de Agostinho Neto reunido pela Subdelegação da Luanda da PIDE/DGS²². Os documentos divulgados cobrem o período que decorre de meados de 1959 a dezembro de 1974, mas estão fundamentalmente concentrados na *fase Dar-es-Salaam* (1968-1975) (Tabela 2), ou seja, no período em que, na sequência da instalação do MPLA na Zâmbia, sobrepondo-se por substituição à rede da UPA (1965-1966), e da sequente activação da Frente Leste [1966], Agostinho Neto transferiu (em 1968) a sua residência familiar para a capital da Tanzânia, que então se transformava num formigueiro de actividade política e no "center and the driving force of the whole *liberation struggle* in Southern Africa"²³.

É muito importante terem sido publicados aqueles quase dois milhares de documentos (3943 fólios), mas na apresentação da obra é indicada a cedência por parte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT, Lisboa) de “6000 documentos referentes a Agostinho Neto” (NETO e NETO, 2012, Vol. 1, v). Ora, não encontramos

²²Trata-se do processo *PIDE/DGS, Delegação de Angola, Subdelegação de Luanda, Proc. Gab/88, NT 8014-8018 (12 Vols)*, 3609 fólios, vulgarmente designado Processo Agostinho Neto, e cujo acesso não está ainda integralmente disponível.

²³Cf. A.A: “Training for War”, *To the Point*, The Hage, 24 February 1973, p. 24-27.

na publicação, nenhuma explicação sobre os critérios de seleção que deixaram de fora 60% dos documentos disponibilizados, nem sequer ficamos a saber se o referido *Processo* 88 ficou editado na íntegra, uma vez que se detectam inúmeras descontinuidades na numeração dos fólios e vários documentos truncados²⁴. Nota-se mesmo a ausência de peças importantes referidas noutras obras como fazendo parte daquele *Processo*, como por exemplo os apontamentos manuscritos de Agostinho Neto apreendidos pela PIDE em 1960 (BARRADAS, 2010, 53-59). É claro que os critérios de inclusão deveriam ter sido explicados assim como deveria ter ficado exposta a referenciação de cada um dos documentos publicados. Este conjunto de deficiências é uma limitação séria à utilização destes elementos pela investigação histórica.

Agostinho Neto. O Perfil de um Ditador. A História do MPLA em Carne Viva, com cerca de 1380 páginas, é uma contra-narrativa às mais de três décadas em que prosperou, em vários formatos, uma narrativa celebratória, não exclusivamente oficial. Trata-se da contribuição de um historiador luso-angolano que, sendo institucionalmente independente, não esconde ter estado presente numa parte daquele passado, colocando na obra a sua traumática experiência e memória pessoais (PACHECO, 2016, 61, 1009s)²⁵.

Se no propósito do livro o autor hesitou entre a escrita da “biografia política de Agostinho Neto” e a “biografia política do Agostinho Neto e do MPLA” (PACHECO, 2016, 30 e 60) e se o guião e organização da narrativa são abstrusos, a meta-narrativa explanatória é clara: um *drama* essencialista – a história de um ditador e de uma longa ditadura - que teve como momento fundador a chegada de Agostinho Neto à liderança do MPLA (1962), e sobreviveu à sua morte (1979), tornando-se o seu principal legado. O historiador procura acentuar, deste modo, uma linha de continuidade, da luta de libertação à Angola pós-colonial, de um estilo autoritário de liderança e governação. Os elementos que, na óptica de Carlos Pacheco, fundamentam esta visão essencialista parecem-me valorizar em Agostinho Neto, a influência negativa de uma educação familiar e metodista austera e punitiva; a formação política marxista que incorporou a ortodoxia leninista e a sua intolerância; o “leninista em acção”, que gerou uma cultura (“essência”, “código

²⁴Ver por ex., NETO e NETO (2012), Vol. 1, 506-507, 729, 928-929.

²⁵Sobre as antigas ligações de Carlos Pacheco ao MPLA, facto que é do domínio público, ver por exemplo: http://noticias.sapo.pt/especial/guerra_colonial/1126_848.html; <http://www.angonoticias.com/> Artigos /item/9400/o-pepetela-sera-sempre-acossado-por-causa-do-27-maio-carlos-pacheco-a-voa]

genético”) e práxis políticas de natureza exclusivista, violenta e delinquente, corrupta, triunfalista e ficcional, que se propagou num fluxo *top-down*, ou seja, das elites ou do “círculo de ferro” (Agostinho Neto e os seus alter-egos, “bando”, “ganguê” ou “tribo”²⁶) para as hierarquias intermédias (“hierarquia de tiranetes”) e floresceu impunemente (PACHECO, 2016, p. 161, 195, 219-223, 562, 604-07, 681, 725, 748, 882, 787-900, 916-21, 959-62). Exclusivista, na apropriação radical do “patriotismo” e do “nacionalismo”, na não-aceitação de outros movimentos de libertação ou partidos políticos nacionalistas e na incapacidade de acomodar a diversidade e crítica internas. Sistemicamente violenta – uma “política de tiro” -, na forma como neutralizou, diabolizou ou eliminou, política e fisicamente, as divergências, as oposições, os “blocos de influência” e as alternativas internas (“desviacionismo”, “fracionismo” e “traição”), como satanizou e combateu os outros actores políticos angolanos (FNLA e UNITA e seus líderes) e como se relacionou com todos os estratos [homens, mulheres e crianças] das “populações” ou “nações não-beligerantes”, ou com a população angolana depois da independência; em suma, uma cultura de violência revolucionária “brutal”, que se prolongou na violência institucional pós-independência (criação da DISA²⁷). Uma práxis de corrupção e condescendência com os abusos no uso, distribuição e apropriação dos recursos angariados pela Guerrilha e do novo Estado angolano. Triunfalista e ficcional, pelo permanente distanciamento da realidade através do uso sistémico da propaganda, que, com a colaboração de alguns *media* e de muitos intelectuais e organizações-activistas Africanas, Ocidentais e Orientais, converteu as consecutivas grandes derrotas e o progressivo descalabro militar [1966-1974] em vitórias heróicas do líder e da organização, ou inventou áreas libertadas ou “regiões vermelhas” [PACHECO, 2016, 38, 97-102, 137, 193-223, 271, 354, 422-5, 561, 615-686, 725-761, 822-823, 912-985, 1015].

Esta perspectiva alicerça-se fundamentalmente na tese das sete “grandes guerras” que Neto enfrentou e desencadeou depois de assumir a liderança do MPLA (1962). Duas

26Sobre a composição do Círculo de Ferro que comandaria o “Bando” ou a “Ganguê” de Neto, isto é, o “punhado de indivíduos todos iguais, sem escrúpulos” que dirigiam o MPLA ver: PACHECO, 2016, 922 e 934, e ainda 916, 959, 962.

27A *Direcção de Informação e Segurança de Angola*, “durante os três anos da sua existência, [...] ameaçou e brutalizou a sociedade (angolana) a um nível jamais igualado pela PIDE/DGS”, isto é, a Polícia política portuguesa (PACHECO, 2016, 1003). Criada em 29/11/1975, a DISA foi extinta em 22 de Junho de 1979, sendo substituída, só em Julho de 1980, pelo Ministério da Segurança do Estado (FRANCO, 2013).

foram de longa duração: a das rivalidades internas, que o autor organizou em torno da teoria dos três “grandes conflitos fratricidas” e da sucessiva “higienização” política do Partido e, depois, do País (PACHECO, 2016, p. 782); e a “guerra” pelo “monopólio da insurgência angolana”, ou seja, pelo exclusivismo nacionalista, especialmente contra a FNLA –GRAE e UNITA e pela hegemonia absoluta do poder político pós-colonial. As restantes guerras, aparecem circunscritas ao período do exílio e da luta de libertação. Entre elas, a “guerra” no exílio oeste zambiano [Frente Leste] contra as autoridades tradicionais-sobados e as populações rurais [os zambianos e os refugiados angolanos], travada entre 1966-1974, onde o MPLA encontrou apoios mas teve de enfrentar resistências e oposição (PACHECO, 2016, p. 289-322); e a “guerra” da obstinada criação e preservação de Frente Interna (1ª Região Militar e rede clandestina urbana), que terá acabado por colapsar (PACHECO, 2016, p. 323-376). As três restantes, decorreram no interior fronteiriço de Angola e foram travadas contra a população angolana das zonas operacionais da guerrilha, isto é, as comunidades rurais (controle da população, recrutamento compulsivo, trabalho forçado, produção agrícola forçada) e os trabalhadores angolanos das fazendas do Norte e da extracção das madeiras do Leste (raptos, eliminação, etc); as camponesas (captura, violação, escravas sexuais); e as crianças e mancebos (recrutamento forçado, capturas, crianças-soldado; abusos sexuais) (PACHECO, 2016, p. 377-536, 562-563). Todas juntas, uma “realidade” de guerras invencíveis, desmoralizadoras e dissolventes que a eficaz propaganda triunfalista do MPLA e o activismo, o “relativismo” e a “dupla moral” da maioria dos “jornalistas e estudiosos” silenciaram, mas que explicaria o “colapso” ou “estrangulamento” militar e organizacional do MPLA entre 1971-1974 (PACHECO, p. 537, 576 e 579-664).

Esta “realidade” oculta tinha, para o autor, a mão visível de Agostinho Neto e do seu “bando”, daquele deixando traçado um retrato cruel: um homem “sem [...] qualidades [pessoais] especiais”, invejoso e medíocre, egocêntrico, exacerbado, movido por uma obstinação negativa, dipsomaniaco e, como líder, dotado de “maus instintos políticos”, “sem escrúpulos”, “anti-intelectualista”, um “Calígula”, um “Déspota”, um “Ditador”, o “Chefe da Violência”, o “herói assassino”, em suma, um “mau exemplo” que se rodeou de hierarcas servis, incompetentes e impunes, que não travou a generalização da liquidação física de militantes e o “assassínio massivo e indiscriminado de habitantes

rurais”, o clientelismo, a indisciplina e a extensa corrupção que grassou no MPLA e depois no País, que contemporizou com o “racismo pragmático” instalado no MPLA e que nutria um profundo “desprezo pelos vassalos”. Nas vésperas da Descolonização “Neto era a crise”, a causa do divisionismo angolano, das constantes crises do MPLA e o primeiro responsável do “pré-colapso” militar e sócio-político da organização que só a providencial mão do sector da esquerda do Movimento das Forças Armadas português, “controlado pelo PCP”, ajudou “de forma decisiva a reerguer-se e lhe abriu o caminho para alcançar o poder soberano” e criar um “estado terrorista” (PACHECO, 2016, 59, 174-180, 217-222, 407-9, 725 866-884, 916-985, 1011).²⁸

Como biografia política de Agostinho Neto, a limitação mais importante nesta obra não está no facto de restringir-se ao período da liderança do MPLA/Angola (1962-1979). Na verdade, como estudo biográfico, ele deveria estar organizado em torno do biografado e não, como efectivamente está, em torno da História das “entranhas” do MPLA, confundindo estas com aquele, diluindo o indivíduo na organização, reduzindo a dimensão efectivamente biográfica a vários fragmentos. Mesmo no estrito plano político, raramente ficamos informados da actividade geral de Agostinho Neto ou do que o líder andou a fazer a não ser as imputadas maldades, extrapoladas nos comportamentos da organização, de Leopoldville-Brazzaville a Dar-es-Salaam. E tal orientação narrativa é intencional, emergindo dela uma figura satânica. A liberalidade na linguagem [bando, camarilha, matilha, alcateia, “bando de hienas”, chacais, quadrilha, facínora, bestas-humanas, corja de malandrins, etc]²⁹ ilumina muito pouco e sugere inconsistência conceptual³⁰. As recorrentes comparações ou analogias com os nazis, os fascistas, os estalinistas, ou os jacobinos parecem-me meramente retóricas: teria sido muito mais esclarecedora uma comparação sistemática com outros Líderes de Movimentos de Libertação da África Austral [PACHECO, 2017, 201-229s, 509, 541, 741-776, etc]³¹. A

28O livro inclui ainda, nas quatrocentas páginas finais, uma evocação a Viriato da Cruz, uma “cronologia resumida”, um apêndice documental (“crónica de uma chacina” (1968)) e, em particular, um vigoroso esforço de reconstituição das regiões militares e das infraestruturas civis e militares do MPLA no Exílio e em Angola.

29Uma prática do activismo político vulgar na cultura política angolana. Ver por exemplo (NETO, 2008)

30Ver por exemplo a discrepância entre a não validade e uso da categoria “camponês”. (PACHECO, 379, 381-8, 424-4, 467, 541, 553-7, 641-44 etc)

31Com base em estudos como os de SOUTHALL (2013), LISSONI (2008), MACOLA (2010) e MAYLAM (2014), CLAPHAM (1998). É claro que Pacheco faz referências analógicas ao comportamento

perspectiva essencialista, por vezes resultante da forma sincrónica como foi analisada informação diacrónica, fez submergir e amalgamou as dinâmicas da acção individual e organizacional. A convocação de dezenas de casos diacrónicos e contraditórios como sendo modelares ou “arquétipos” debilitam a plausibilidade da narrativa, característica evidente quando se detectam divergências entre os factos convocados e os documentos (PACHECO, p. 85-87, 170-171, 665-94, 935, etc). Parece-me faltar nesta narrativa, um foco claro e uma perspectiva que reconstrua e analise a acção progressiva de Agostinho Neto. Fica fragilizada uma narrativa biográfica monofónica que procura trazer luz à “face oculta” sem a relacionar com a “face visível”, correndo o risco de se tornar uma hagiografia-monstro ou teratografia. Falta sobretudo neste trabalho um quadro problemático e um esquema analítico e interpretativo consistente, explícito e teórica e historiograficamente alicerçado.

Estas insuficiências não eliminam duas características deste estudo: a primeira é o esforço de uma orientação temática (o ditador). a segunda é a robustez documental quanto à plausibilidade dos factos convocados. a pesquisa envolveu a exploração de diversas fontes, nas quais se incluem alguns “depoimentos escritos e entrevistas prestados ao autor deste livro”, peças avulsas de “arquivos de famílias” (azancot de menezes e viriato da cruz), algumas memórias e autobiografias publicadas, além de uma generosa miscelânea de “publicações periódicas”, webgrafia (em geral) e “arquivos da internet”. todavia a massa principal da informação utilizada foi colectada no arquivo histórico da agência de segurança portuguesa do período da ditadura e colonialismo, a pide/dgs, nomeadamente nos fundos legados pelos serviços centrais (lisboa) e, em particular, pela delegação de angola (pacheco, 2016, p.1143-1461, 1383-1461)

É preciso deixar claro que sobre as lutas de libertação na África Austral, entre os fundos documentais existentes, organizados e de acesso aberto à investigação, os da pide/dgs - cuja actividade nas colónias teve início em 1957/58 e se prolongou, no caso de Angola até novembro de 1975 (como pim ou gei) - estão entre os mais extensos, compreensivos, sistemáticos, variados e consistentes. Associados à herança documental dos serviços de informação militar - *serviços de centralização e coordenação de*

da H. Roberto e J.M. Savimbi, acentuando uma visão ainda mais negativa. Mas a comparação exige procedimentos que o exercício não comportou.

informações de angola (1961-1975), moçambique (1963-1974) e guiné (1969-1974), eles constituem uma vigorosa infraestrutura documental para a história daquela região, no seu conjunto, para quase todo o terceiro quartel do século xx.

Na prática historiográfica, as fontes não são intrinsecamente boas ou más. O que o seu uso exige é um exame crítico robusto e a explicação da sua relevância para responder às questões da investigação. Não é consistente o reparo que descredibiliza a informação disponível nos arquivos da pide-dgs só porque se tratava de uma polícia política e de segurança do estado (português, no caso em apreço)³².

Dito isto e a propósito desta obra, do ponto de vista da “questão das fontes”, são oportunos três comentários. Em primeiro lugar, é preciso assinalar que, sobre a agenda da investigação em causa, nos fundos da pide/dgs delegação de angola, além dos processos gerados pela acção de pesquisa, investigação e informação colectada pela extensa rede de espionagem daquela polícia, encontra-se numerosa documentação que foi facultada pelas polícias de segurança dos restantes países da “áfrica branca” e das polícias e outros organismos de estado de alguns dos países da “áfrica independente”, ou obtida clandestinamente em organizações internacionais, com destaque para a organização da unidade africana (addis abeba), o seu comité de libertação (centros de dar-es-salaam e lusaka). Além disso, neles encontramos um abundante e variado lastro documental produzido pelos movimentos de libertação e pelos seus activistas, que resultou de capturas em acções de combate ou ataques a bases e outras instalações guerrilheiras [dentro e fora do território angolano]: tal espólio inclui relatórios operacionais, documentos estratégicos e táticos, correspondência pessoal e organizacional, manuais de formação política e técnica, mas também memórias e cadernos nas formas de “apontamento diário”, de “apontamento individual”, de “documentos do comandante” de “livro de notas” e “agenda”, recursos documentais que, juntamente com os processos de declarações de guerrilheiros e populares aprisionados, capturados ou apresentados, tiveram um grande relevo na elaboração do estudo em análise, complexidade documental que exige um particular escrutínio (pacheco, 2016, p. 1381-1390, 306, 513, 476, 620, 705,

³²Argumento usado, p. ex. em: O “Bando de Neto” visto pela PIDE/DGS e Carlos Pacheco (A propósito de uma “inquisição” ao Nacionalismo Angolano). Entrevista de Carlos Ferreira a Paulo Lara). *Novo Jornal*, Luanda, nº 442, 29 de Julho 2017.

etc.). Em segundo lugar, do ponto de vista da reconstrução factual e da sua interpretação, não está ainda ao alcance da investigação a possibilidade de recorrer à triangulação de fontes através do acesso aberto aos fundos dos movimentos de libertação e dos seus líderes, sendo certo que algumas das organizações dispõem de arquivos históricos, como é o caso do mpla e, entre os seus antigos dirigentes, houve quem deixasse espólio documental, incluindo apontamentos pessoais sistemáticos, como são os casos de agostinho neto e lúcio lara.³³ Em terceiro lugar, falta em *agostinho neto. O perfil de um ditador* um exame crítico das fontes, esclarecendo a estratégia e critérios que foram adoptados na selecção³⁴, uma discussão que além da fiabilidade deveria ter aflorado o intuitivo processo de triangulação realizado.

Num inspirador ensaio reflexivo sobre “the shared characteristics and qualities” de Jawaharlal Nehru e Nelson Mandela, notou o historiador sul-africano Paul Mayland que na escrita biográfica de personagens de grande destaque político, nomeadamente daqueles que no seu tempo de vida foram amplamente admirados, ocorrem flutuações, sendo possível estabelecer pelo menos três vagas: a primeira é marcada pelo perigo da hagiografia, ao transferir-se para a narrativa a reverência angariada em vida pelo biografado nas esferas pessoal e pública; a segunda é profundamente crítica em relação à acção e legado do biografado; na terceira vaga, as narrativas tendem a revelar a complexidade do biografado, sendo tal revelação em grande parte tributária da história cognitiva (MAYLAM, 2014).

Este esquema interpretativo acomoda bastante bem o trajecto da historiografia biográfica dedicada a Agostinho Neto. O trabalho de Carlos Pacheco³⁵, com os defeitos e virtudes que tem, assinala o fim da hegemonia de uma primeira vaga biográfica celebratória promovida por intelectuais e alguns académicos internacionalistas ou lusófonos próximos do MPLA. Um aspecto interessante desta evolução é que, quer o curso da primeira vaga quer a transição para a segunda vaga, se fizeram sem uma

33São várias as referências a documentos pessoais (apontamentos, “numerosos diários”) de Agostinho Neto (COSME, 2004, 59; BARRADAS, 2010, 95). Sobre o espólio documental de Lúcio Lara, além da selecção documental já publicada, centrada na criação e organização do MPLA (LARA, 1999, 2006, 2008).

34Por exemplo, não se percebe porque apenas estão referenciados documentos do vol.1 (1966-1967) do processo de informação nº 88, de agostinho neto., que é constituído por 11 volumes. [pide-dgs: delegação de angola], e porque estes volumes não constituíram o principal corpo documental do estudo biográfico.

35O primeiro texto que Carlos Pacheco dedicou a Agostinho Neto é uma peça jornalística publicada em 2005: Carlos Pacheco. Neto: a sacralização de um Déspota, *Público*, Lisboa, 28/11/2005

intervenção relevante da historiografia biográfica académica, nacional(ista) ou internacional. A perspectiva a médio prazo pode ser, assim, a de um caminho paralelo entre a Hagiografia e a Teratografia. A questão está pois em saber se as “African biographies tend towards the polarities of hagiography and demonization” (MICHAEL, 2004, p. 3) isto é, para a “biographical irresponsability” (PARKER, 2002, p. 8).

3. Agostinho Neto, como objecto de controvérsia: agenda para uma narrativa problematizada.

A publicação, há cerca de um ano, de *Agostinho Neto. O Perfil de um Ditador. A História do MPLA em Carne Viva* agitou a sociedade angolana, tendo suscitado controvérsia na esfera pública, que se revelou mais polifónica na Web do que na imprensa escrita angolana³⁶ e conduziu à tomada de posições públicas por parte do governo angolano, do MPLA³⁷ e de outras instituições da sociedade civil, acusando o autor de “verdadeiro assassinato da memória” do biografado.³⁸

É, todavia, conveniente ter presente que, na cultura histórica e política angolana, a posição, a acção e os legados literário e político de Agostinho Neto há muito que são alvo de interpretações não-convergentes ou mesmo conflitantes, ainda que só recentemente estas tenham adquirido maior visibilidade.

36Ver, por exemplo no espaço público da web:” Uma “obra chocante” para desacreditar a figura de Neto “como um homem impoluto” [<http://www.redeangola.info> de 6.07.2016; “O sanguinário Agostinho Neto era sim ditador – Evalina Ding's” [<http://club-k.net> de 21.07.2016; com sequelas como “27 De Maio: “Agostinho Neto foi o Grande Comandante Da Repressão”” [<http://peroladasacacias.net>, 7.05.2017]. E na imprensa angolana: Luandino de Carvalho. “A senilidade e os delírios de Carlos Pacheco”, *Jornal de Angola*, 05.07.2016; “Historiador angolano destrata primeiro presidente de Angola”, *Jornal O País*, Luanda, 06.07.2016; Luis Bernardino: “Vingança de Carlos Pacheco “(1) e (2), *Novo Jornal*, Luanda, n.ºs 449 e 450 , 16 e 23 .09.2016.

37“Governo angolano aponta tentativas para “denegrir” imagem de agostinho neto” [<http://24.sapo.pt/noticias/internacional/> de 17-09-2016]; “mpla repudia posicionamento de carlos pacheco sobre agostinho neto”, *jornal o país*, luanda, 22.07.2016 ; “mpla queixa-se de “campanha de desinformação” em publicação de livro em portugal” *jornal. Observador*, lisboa, 21.07.2016.

38Comunicado de Imprensa da Fundação Dr. António Agostinho Neto. Luanda, 9.12.2016, <http://agostinhoneto.org/>. Resposta do autor: Carlos Pacheco, “Um livro no banco dos réus: triste espetáculo do MPLA”, *Jornal Público*, de 14.09.2016. Ver ainda “Fundação Agostinho Neto vai processar historiador luso-angolano pelo livro “Agostinho Neto - O perfil de um ditador”, *Novo Jornal* , Luanda, 26.08.2016; QUEIROZ, Artur, Angola e os Cães de Palha. Golpista de Maio e a Verdade da História. <http://www.agostinhoneto.org/> [postado sem data].

A Agostinho Neto, com a sua “dimensão excepcional” (CARREIRA 1996, 23) é atribuído o lugar de poeta “messias” (*Kilamba*) (COSME, 2004), “fundador poético” da Nação, de “Moisés Angolano” e “Pai (político) da Nação Angolana” (LARANJEIRA, 2008)³⁹, e, num plano mais internacionalista, de “Libertador do Povo” ou “Libertador do Oprimido” (OMOTESO, 2009, 9 e 39). No entanto, a grandeza do poeta não é consensual: um “master poet” ou apenas um “master of combat (guerrilla) poetry” / “Protest Poetry” (BURNES, 1981; BRAZ, 1982; Janet Carter em FEAA, 1989, 81-82; PALLISTER, 1991)? Ou um poeta menos político e mais do exílio e do nacionalismo (APPIAH e GATES, 2005, 211-212)? Ou é tão só um “poeta medíocre”, incluído numa geração de “fracos poetas”, ainda que pioneiros da Angolanidade, como sustentou o escritor e crítico do regime político angolano, José Eduardo Agualusa⁴⁰ ?

Alvo de controvérsia é também a questão fundacional e a do exclusivismo nacionalista. Ainda que desde 1980, “em homenagem do seu nascimento e morte”, tenha sido declarado o dia 17 de Setembro como *Dia do Fundador da Nação* e *Dia do Herói Nacional* (CARREIRA, 1996, p. 29), a paternidade do Nacionalismo Angolano é disputada com Holden Roberto (NGANGA, 2008). Recentemente (2013), numa peça informativa de Anselmo Vieira para a ONG *Deutsche Welle*, um dos intervenientes, identificado como “professor Wanadumbo Leal”, declarou: “para mim está claro que Holden Roberto é o pai do nacionalismo, Jonas Savimbi o pai da democracia e Agostinho Neto foi quem lutou para a pacificação do país, mas existem outros (heróis). Estes três são talvez os mais importantes para a História angolana. [...] Então vamos deixar de lado os tabús e escrever a História verdadeira do nosso país, porque, caso contrário, estaremos a mentir para os nossos filhos, os nossos irmãos e as gerações vindouras. A verdade tem de ser dita”⁴¹.

A diversidade de opiniões ficou também visível num estudo recente sobre as representações da memória colectiva, identidade e símbolos nacionais entre *jovens luandenses* do ensino secundário, inquiridos (2008) sobre os principais acontecimentos e

39Ver também <http://www.agostinhoneto.org/>

40Cf. Entrevista do escritor José Eduardo Agualusa (Jornal *Angolense*, Luanda, 15.03.2008). Ver **João Pinto**: “Literatura, Identidade e Política”, *Jornal de Angola* (suplemento Vida e Cultura) . 06.04. 2008, 29; e ainda Ana T. Rocha, “O Legado Poético e Histórico de Agostinho Neto na Minha Geração”, FAAN, 2012 [disponível em <http://www.agostinhoneto.org/>].

41Cf. “Angolanos exigem reconhecimento de heróis de outras bandeiras”, in <http://dw.com/p/19iRU>

personalidades da História de Angola. No *top 10* das personalidades foram incluídos sete angolanos associados à luta de libertação nacional, dos quais cinco mantiveram similar relevo na era da independência, com Agostinho Neto, Jonas Savimbi e Holden Roberto a ocupar, por esta ordem e neste grupo, as primeiras posições, considerando os estudantes que Neto e Holden tiveram um impacto muito positivo na História de Angola, enquanto sobre Savimbi expressaram emoções “ambivalentes” e maioritariamente negativas quanto à sua acção pós-colonial. Uma “opinião” formada ou baseada numa informação apreendida fundamentalmente nos manuais escolares⁴², na comunicação interpessoal quotidiana [família e amigos] e na imprensa em geral, num contexto marcado por uma investigação histórica de “nível muito incipiente” e uma cultura histórica pública alicerçada em “informações do senso comum” (MENDES, SILVA E CABECINHAS, 2010).

Em matéria de nacionalismos competitivos, Angola não é excepção, e os “*passionate debates*”, que eles suscitam, provavelmente persistirão quanto mais prolongados forem o império de uma narrativa oficial e a ausência de debates substantivos (NAKOU, 2010, p. 115-169, 223-242). E são as possibilidades de conversão daquela polifonia paralela em debate historiográfico que aqui são exploradas.

Um primeiro tópico que é necessário problematizar é o das “etapas”, para usar a expressão Khazanoviana, do trajecto de Agostinho Neto. A abordagem tradicional amarra-o às periodizações gerais do Revolucionarismo Nacionalista e Socialista Angolano (KHAZANOV, 1986) ou à História do MPLA, da luta de Libertação e primeira fase da pós-colonialidade, chegando mesmo a sugerir-se, que no Agostinho Neto poeta de 1945-1956 (data clássica atribuída à fundação do MPLA cuja institucionalização de facto só ocorreu em 1960⁴³) já estava não só inscrita “a realização poética do programa político do MPLA”, como encontrada “a cabeça do movimento popular de libertação de Angola”, tornando-os “indissociáveis” (LARANJEIRA, 2008, p. 111; Laranjeira em

42Para uma aprofundamento dos conteúdos dos manuais escolares de história do Ensino Básico e Secundário e o seu viés nacionalista-exclusivo, particular marcado até 2006, nos conteúdos dedicados às eras da Luta de Libertação e da Independência Nacional. Ver LEITE, 2014, 85-88; PINTO, 2017, 60-65; LOPES e CAPUMBA, 2006, 143-166.

43Segundo António Medeiros, quando se decidiu em Paris a criação do MAC- Movimento Anti-Colonial (1957) “nessa altura não havia MPLA, nem FRELIMO nem PAIGC. Eu faço parte do MAC.” (MEDEIROS:2015, 17)

OMOTEO, 2008, p. 9; COSME, 2004, p. 50-51). Percebe-se a intenção didática ou ideológica de um etapismo progressivo pensado a partir do fim imaginado e/ou alcançado. Tal princípio organizador está presente tanto na generalização de que Neto estava “absolutamente convencido de que nascera, crescera e estudara para ser o libertador de Angola”, convicção que se materializou na idealização-organização do MPLA conduzido sob o princípio da luta armada (CARREIRA, 1996, p. 30-34, 55, 109), como em esquemas evolutivos do tipo *Nascimento de um Líder [do MPLA] para a Libertação de Angola – Líder Revolucionário [do MPLA] na Luta de Libertação – Líder Revolucionário da República Popular de Angola e do MPLA-PT* (KHAZANOV, 1986; BARRADAS, 2010) ou *Infante – Ativista/Nacionalista Revolucionário – Presidente/líder do MPLA – Presidente Líder do MPLA/Angola* (NETO e NETO, 2012). Todavia, numa óptica cognitiva, é preciso repensar tal periodização a partir da experiência de Neto.

A organização da biografia poderia assentar num critério temático combinado, na expressão de Alan Lester, com “Life geographies” (LESTER 2010). Poderá ser mais iluminador operar com três ciclos e sete fases desenhados a partir da experiência e dos problemas (comuns ou específicos) de cada um dos diversos contextos geográfico-relacionais em que vida de Agostinho Neto decorreu. Na Tabela 1, sugere-se um esquema organizado nestes princípios com o “ciclo da experiência trans-imperial” e “ciclo do exílio e da Luta Armada na África Austral”, com várias fases e, depois de 1975, o ciclo “nacional”. Os problemas e debates associados a cada um destes momentos devem ter em conta o balanço das narrativas disponíveis mas também explorar novas questões que as fontes suscitem, matérias ainda invisíveis ou secundarizadas. É natural que nem todos eles tenham a mesma importância e contornos em cada uma daquelas geografias e fases. Alguns exemplos ilustram essas transversalidades e especificidades temáticas.

Entre as matérias menos consensuais em Agostinho Neto e que atravessa vários ciclos e fases do esquema acima proposto está a sua formação e evolução ideológica e a praxis de liderança política. São vulgares as referências a Agostinho Neto como um pensador marxista (LARANJEIRA, 2008, 7), marxista ideológico mas não político (CARREIRA, 1996, p. 36), um marxista ideológico e praticante (OMOTESO, 2009, p. 19), um marxista convicto (COSME, 2004, 70) mas moderado (MARTIN, 1980, 70) ou mesmo um devotado marxista-leninista (OLIVEIRA, 1980, KHAZANOV, 1986, p. 43-

44, 156, 209; NEB, 1993; JAMES 2004; FREDRIKSEN, 2003). Ora tais atributos não estão contextualizados, presumindo-se terem sido estabelecidos na sua fase de formação política na Europa, o que não pareceu claro a Patrick Chabal que questionou a precoce adesão teórica e política do biografado ao Marxismo, vislumbrando na sua poética a expressão de outros “horizontes políticos”, sem os especificar, é certo. (FEEA, 1989, p. 119-144).

A explicação da longa sobrevivência política ou a “remarkably stable” liderança (1962-1977), como escreveu Inge Brinkman (BRINKMAN, 2005, p. 1084), assim ajustando a “remarkable continuity of leadership at the apex of Angola` Liberation Movements”, assinalada por John Marcum (MARCUM, 1978, p. 197), também não é consensual e a questão do “presidencialismo” ou do autoritarismo Netista tornou-se um dos elementos explicativos centrais.

O tópico mereceu precocemente a atenção do académico queniano Ali Mazrui (1933-2014) que, duas décadas depois de publicar “Nkrumah: The Leninist Czar” (MAZRUI, 1966), dedicou um ensaio a duas categorias de personagens políticas que, na África pós-colonial, tinham chegado à presidência dos respectivos estados-nação: os “Literary” ou “Poet-Presidents” e os “Philosopher-kings” ou “Philosophing Rulers “. A interrogação a partir da qual analisou este novo fenómeno foi a seguinte: estes presidentes, no exercício do poder político, terão sido menos ditadores do que os outros e foram mais benignos para os adversários do que os governantes intelectualmente “crude or primitive”, como Idi Amin, Jean-Bédél Bokassa, etc? Apreciando genericamente os diversos exemplos de Filósofos-Reis, definindo-os como *pensadores* e intelectuais não-artistas - como Kaunda e o seu *humanismo*; Nyerere e o seu socialismo ou comunitarismo familiar [*ujamaa*]; Mobuto Sese Seko e o seu paradigma da *authenticité* congoleza/africana; Nkruma e a sua filosofia do *consciencism* –, o autor concluiu que esta categoria, em geral, não constituiu uma vanguarda de justiça social e democracia, antes se destacou pelo exercício da tirania, na qual a tendência *monárquica* se sobrepôs à inclinação filosófica. Quanto aos escritores-poetas (artistas)-Presidentes, Mazrui centrou a sua atenção nos dois “most interesting literary-presidents in Africa`s post-colonial history”: Agostinho Neto e Léopold Senghor. Na avaliação Mazruiana, o Presidente Agostinho Neto “was a dictator”, não tendo transformado em prática política a sua

alegada versão “humane and democratic” do marxismo. Tendo sido um “warrior for national liberation” ficou muito longe de ser um “martyr to democracy and an open society”, eventualmente impossibilitado por dois factores (atenuantes): a guerra civil e um governo breve. Quanto a Senghor, ficou retratado como “definitely more tolerant than most of his contemporaries who wielded similar power” no conjunto dos países do “Terceiro-Mundo”. E Mazrui adiantou dois factores para explicar o sistema político mais aberto de Senghor: a inclinação ecuménica do islâmico senegalês e, em particular, o *factor pessoal*, a *personalidade* de Senghor, o enraizado “senghorian pluralism”. (MAZRUI, 1990; WYK, 2007). Critérios e perspectiva que notoriamente contrastavam com as “outstanding qualities of [Revolutionary] Leadership” atribuídas a Neto num editorial do *The African Communist*, datado de 1980, associadas à teoria revolucionária sobre a liderança e que foram adoptadas na narrativa de KHAZANOV (1986)⁴⁴.

No final do Século XX, a questão autoritária, que Mazrui circunscreveu ao período pós-colonial, estendeu-se às práticas de liderança e governação do MPLA no período da luta de Libertação e passou a constituir o factor decisivo para a análise da durabilidade política de Neto. Os argumentos [para um debate] parecem hoje colocar-se em três planos. Um é o do negacionismo: a questão autoritária é uma invenção, Agostinho Neto além de unificador teria sido também um reconciliador, no que foi mal sucedido devido à inapetência e ambição de outros (BURCHETT, 1978, p. 55); além disso, por razões culturais continentais, aproximou-se de uma “espécie de “democracia orgânica” adaptada a África”, incluindo uma pragmática “via original do «socialismo científico»” (COSME, 2004, p. 18, 87-107), mas assegurando sempre práticas democráticas básicas mesmo no período do “partido único” (NETO, 2008) e uma grande ligação às massas (COSME, 2004, p. 18, 87-107; NETO, 2008). O segundo é o da neutralidade ou omissão conceptual, associando a durabilidade a um prematuro e durável pragmatismo e habilidade políticos (“grand realism politique”), sem os vincular a um modelo específico de liderança (MARGARIDO, 2008). O terceiro, aprofunda e estende a tese Mazruiana, atribuindo a duradoura conduta *presidencialista* e *autocrática* a uma precoce e prolongada dependência soviético-cubana (BIRMINGHAM, 1999), ou a um “solid circle of close

44Cf, *The African Communist*, 80, 1980, p. 49-51.

followers and to his determination and astuteness” (MARTINS, 1980, p. 70), ou ainda a uma precocemente enraizada atracção pessoal pelo monopólio do poder, um entranhado *autoritatisimo* (FREDRIKSEN, 2003), um elemento do particular character de Neto, que dificultou *pontes* intra elites nacionalistas e entre estas elites e as massas (BRINKMAN, 2005), factores pessoal (A.Neto) e interno (MPLA) que o recente contributo de Carlos Pacheco e de ego-narrativas parecem reforçar (PACHECO, 2016; MENEZES, 2017, 149-155). É provável que no cruzamento entre uma perspectiva personalista e construtivista do percurso ideológico e das práticas políticas, possa existir um potencial explicativo muito mais vigoroso numa abordagem comparada das lideranças dos movimentos de libertação na África Austral, na fase colonial e pós-colonial, ou trazer luz sobre a forma como Agostinho Neto se relacionou com a “epistemic community”, estabelecida nos anos 1970, entre “the middle-ranking Soviet cadres and the Third World revolutionaries [...], a transnational network of people who increasingly saw their goals and interests align around their shared ideals and increasingly close personal relations” (TELEPNEVA, 2014, p. 283).

Há problemas e debates que apesar de se circunscrevem a momentos específicos da vida de Neto podem ter uma grande relevância para definir a sua individualidade. Por exemplo, em relação à primeira fase, podem explorar-se os contrastes narrativos sobre a da educação, que incluem a qualidade da influência paterna e da igreja metodista e a eventual permeabilidade de Neto a “valeurs humanistes basées sur la tradition portugaise” inculcados “aux jeunes de la génération ayant fréquenté le lycée (angolais) dans les années 1930” (KHAZANOV, 1986 p. 12-22; BARRADAS, 2010, p. 19; NETO e NETO, 2012, 30, PACHECO, 2016, p. 890-891; KANDJIMBO, 2011, p.104), ou ainda, a questão do envolvimento, para além da Igreja Metodista, de instituições coloniais no financiamento da sua educação superior, nomeadamente o papel do Instituto de Assistência Social de Angolana (KHAZANOV, 1986, 19-20 e BARRADAS, 2010, p. 22).

Na fase “portuguesa” (1947-1959), além do tipo de laço efectivamente estabelecido com o Partido Comunista Português (“close links”, “close contact”, membro (?)), permanece um vazio quanto ao momento em que ocorreu o afastamento de Neto desta organização clandestina e anti-fascista portuguesa. Segundo Hugo de Meneses, “as detenções de Agostinho Neto, enquanto estudante em Portugal (1950, 1951 e 1955), não

resultaram de motivos relacionados com o nacionalismo africano ou por ligação a organizações políticas angolanas, e, sim, por conexão com o PCP” a que aderira em 1953; seguindo António Medeiros, em 1957, ainda “não havia MPLA, nem FRELIMO nem PAIGC” (KHAZANOV, p. 43-44, 61; CEH do MPLA-PT, 2000, p. 26; OMOTESO, 2009, p. 6; MENESES, 2016, p. 36-54; MEDEIROS, 2015, p. 17).

Aliás, uma das questões mais interessantes deste período é suscitada por anotações de Agostinho Neto em “duas folhas de apontamentos manuscritos” facilmente datadas de 1960 e capturadas pela PIDE quando da terceira prisão em Luanda (Junho, 1960). Nelas, Agostinho Neto grafou: “[...] É minha opinião, e nesse sentido me exprimi muitas vezes, que, antes de lutar pela realização dessa ideia (a Independência), era necessário lutar pelo melhoramento das condições de vida, e criar condições para que essa luta se pudesse processar se necessária. [...] Se me é permitido exprimir uma opinião, direi que não se colocará com tamanha agudeza o problema da Independência, quando se conseguir uma representação legítima dos nativos, e se se resolverem certos problemas que aponte, essencialmente os de carácter económico. Isto é: se houver certa maleabilidade por parte do governo, no sentido de sermos representados por legítimos porta-vozes da população negra.”⁴⁵ Como compatibilizar isto com um pensamento estratégico onde o princípio da descolonização forçada (luta armada) estava há muito assumido pelo MPLA (Manifesto, 1956; Conferência de Londres, 5 Dezembro de 1960) e por Neto (“Neto nunca pôs em causa o princípio da luta armada (...) como a única alternativa para a conquista da independência e do poder” (CARREIRA, 1996, p. 57)⁴⁶ e até com a escolha da identidade?

A personalidade, a imaginação da Nação, as raízes do anti-colonialismo ou do autoritarismo, a multifacetada experiência social e política no império, no exílio e no pós-colonialismo e o “Legado” Netista são alguns dos temas em torno dos quais as divergências não foram ainda convertidas num debate substantivo. Ora o potencial da biografia histórica está na capacidade de compatibilizar a dicotomia entre o indivíduo e a

45C. BARRADAS, 2010, 52-61. Ainda que deficientemente referenciado. Presume-se fazer parte do Processo Individual de Agostinho Neto na PIDE/DGS [[PIDE/DGS, Delegação de Angola, Subdelegação de Luanda, processo GAB/88 (António Agostinho Neto), NT 8014-8018 (12 Volumes).] mas Barradas referencia (sempre de forma deiciente) também outros processos (BARRADAS, 2010, 39). O certo é a peça não está incluída no grupo dos 1545 documentos do Proc. 88 editados em fac-simile em NETO e NETO, 2012.

46Neto terá considerado também, por de parte a luta armada em 1968? Ver BARRADAS, 2010, p. 99 (recorre a um extracto de documento não referenciado.)

sociedade, entre o processo e o contexto, e renovar as perspectivas históricas sobre o passado, integrando o factor individual. Não se vislumbra nenhum interesse cognitivo numa biografia que substitua uma narrativa teleológica por uma outra. A forma de superar tal viés é problematizar, integrar na narrativa o debate e as intercessões entre a vida vivida e narrada do biogrado e procurar respostas para esses problemas numa investigação sólida, construída como processo.

4. Conclusão. *Agostinho Neto* e as tendências na Historiografia Biográfica da África Austral.

No início da década de 1960s, num tempo de nacionalismo emergente em que a escrita de “brief lives of (African) leaders of their times” ganhava interesse na esfera pública africana e se elaboravam os estudos históricos pioneiros dedicados a “outstanding men and women” da tradicionalmente designada “África Subsahariana”⁴⁷, o historiador nigeriano Jacob Ajayi (da *Escola histórica nacionalista* de Ibadan) expressou reservas sobre o futuro da biografia como prática historiográfica: “in the field of African History, there is usually no choice in the matter: there is very little material for the pure biography”. Considerou ele que, para o período anterior ao Século XIX, as escassas fontes documentais “aided by oral traditions, the history of art and other material artifacts”, podiam ajudar a escrever uma boa parte da história das comunidades, “but little of personalities”; e, para o período posterior, além da escassez de “leading figures” nacionalistas atrativas para os biógrafos, eram raros os espólios ou “private papers” disponíveis pelo que tais estudos teriam que se enraizar apenas em “official records and newspapers” (AJAYI, 1960).

Duas décadas depois, a “questão biográfica” voltou a ser objecto de apreciação quer no âmbito geral dos trabalhos preparatórios da escrita da História Geral de África (UNESCO), tida como primeiro marco da moderna historiografia nacionalista africana,

⁴⁷Entre os estudos históricos biográficos seminais, destacam-se, do final dos anos 1950s, as biografias sobre o reverendo baptista John Chilembwe (1871-1915), líder de uma rebelião anti-colonial de inspiração cristã (“The Chilembwe Rising”), na Niassalândia (Malawi), e o advogado e político serra-leonês Sir Samuel Lewis (1803-1903), assinadas por historiadores britânicos (SHEPPERSON e PRICE, 1958; HARGREAVES, 1959).

quer num plano mais regional. Do balanço que se pode fazer daquela avaliação realçam-se os seguintes aspectos:⁴⁸

a) O reconhecimento de que a “assessment of the roles of leaders in contemporary history is an important and necessary part of contemporary historical studies”, mas também de que a biografia histórica permanecia fora das Universidades e, se algumas das “contemporary biographies [...] rise above the level of source material and make important contributions as historical studies in their own right”, outras não passavam de “sympathetic studies”.

b) A quantidade e a qualidade das biografias (e autobiografias) políticas africanas era “inadequated”.

c) A biografia histórica ocupava um lugar marginal entre os principais géneros de investigação e escrita na historiografia moderna africana e era particularmente pobre o registo de biografias escritas por académicos africanos. Em suma, a escrita biográfica fazia-se essencialmente fora do jovem mundo académico africano.

d) A identificação de três tipos de problemas que não incentivavam a solução biográfica na historiografia académica “nacional”: o problema das fontes, acentuando-se a “near-total lack of letters and diaries, the bedrock of biography in the all-telling Western tradition”; o problema teórico, porque a corrente dominante considerava que a narrativa nacional devia ter como principal ingrediente “the ordinary life of the peoples” e, por isso, o tipo de “official history” que resultou “from biographies of great nationalist leaders [...] or political parties...” constituía um viés a tal modelo; e a questão política, uma vez que uma escrita biográfica centrada em nacionalistas destacados, colocava problemas de identidade nacional caso não se atendesse ao “ethnic balance” dos biografados, pois a “numerical preponderance” de um grupo étnico era geradora de suspeita e despeito dos outros grupos.

Este panorama já então apresentava algumas *nuances* regionais (nacionais). A mais marcada distância encontramos-na na historiografia da África do Sul onde se constituiu uma tradição biográfica, que iniciada na fase pré-académica do “Afrikaner nationalist or

48Nesta avaliação convocam-se historiadores como Jacob Ajayi, Colin Legum, Ali Masrui, Anthony Kirk-Greene e antropólogos políticos como Christian Coulon. Para as citações ver: UNESCO, 1984, 31, 47-48, 111-119; e KIRK-GREEN, 1986, 39-40.

republican historiography”, centrada nos leaders afrikander, prosseguiu no plano académico, ao longo do século XX, através quer da “Afrikaener-professional Historical School” quer das Escolas Históricas Liberal e Revisionista (Radical ou Marxista), embora, entre elas, o universo dos biografados tenha sido distinto, num arco sociológico, étnico e político progressivamente mais compreensivo⁴⁹. Se o colapso do Apartheid gerou, em meados de 1990, um “sense of crisis” ou estagnação historiográfica, ele impulsionou também uma “New History” do “excepcionalismo” sul-africano (VISSER, 2004 e 2007, p. 313) e tal andamento incluiu um “biographical moment” (RASSOOL, 2004, p. 193), traduzido num *boom* que abriu o corrente debate teórico no campo da hisroiografia biográfica, onde têm sido escrutinados tópicos como o foco obsessivo nos “great men” e nas “heroic personal (teleological) narratives”; a tentação de impor “official narratives of the liberation struggle, centered on ANC and its leadership” **OU A DEPURAÇÃO DOS BIOGRAFADOS**⁵⁰, assim como a prática de novas modalidades biográficas (LODGE, 2015, DLAMINI, 2015; RASSOOL, 2010; HYSLOP, 2010).

Já outras historiografias da região parece terem dificuldade em superar o “post-colonial euphoric period” que, depois de cerca de um período de progresso dos estudos históricos, desembocou num nacionalismo historiográfico oficial, exclusivo e patriótico, produtor de “praise-texts” e de “heroic narrative [of] official history of the liberation struggle”, incluindo a forma biográfica, de que o Zimbabwe parece constituir um bom exemplo (RANGER, 1995; NDLOVU-GATSHENI e WILLEMS, 2010, p. 192-194; RANGER 2004; TENDI, 2010).

Em contrapartida, a historiografia académica zambiana vive, desde os finais dos anos 1990, uma progressiva era de autonomia e renovação. É um facto que o “boom of

49“It is interesting to note that throughout the 1960s, 1970s, 1980s and even into the 1990s a fair number of pro-communist publications appeared, ranging from biographies on prominent South African communists to histories and published documents of the SACP, almost as if to counter the continual production of anti-communist rhetoric in the corresponding period.” (VISSER, 2007, 324). Ver ainda MANGANYI (1981) e SAUNDERS (1979).

50Um exemplo desta mudança foi a suspensão em 1987 da publicação do Vol. 5 do *Dictionary of South African Biography* (cuja edição se iniciou em 1968) e a revisão do seu programa editorial e de entradas que se traduziu no *New Dictionary of Southern African Biography*, com uma expressiva redução da galeria dos biografados e a “tendency to move away from leaders of the male-dominated white establishment towards extra-parliamentary political leaders who paved the way for broad democratic reform, leaders in all spheres of the marginalized communities, and women who significantly influenced an essentially male-dominated world” [VERWEY e SONDERLING, 1995, vi].

Zambian historical studies in the 1960s and 1970s”⁵¹ acabou também por desembocar na “UNIP-dominated historiography” e “uncritically UNIP-centred narrative” com a consolidação da hegemonia e do progressivo exclusivismo político (1973-1991) do United National Independence Party (UNIP) sob a liderança de Kenneth Kaunda. Deste modo, as três primeiras gerações de historiadores académicos zambianos exploraram uma agenda, conduzida pelo *nacionalismo metodológico*, orientada pelo “the viewpoint of the centre” e “interpreted in the most militant terms”, que, como noutros contextos pós-coloniais da época, produziram uma vaga de “journalistic and/or hagiographic biographies”, focadas tanto na acção heróica dos principais protagonistas (“the big men”) dos estados pré-coloniais, em especial dos que se tinham destacado na resistência ao colonialism, como nas elites políticas modernizadoras e protagonistas da independência (MACOLA, 2010, 2; KASULA e PHIRI, 2014, p. 1-3) e ainda nas realizações pós-coloniais dos “political liberators” e da UNIP , no governo da nação e na luta libertadora na África Austral. Nesta vaga da historiografia nacionalista ficou omissa, tanto o estudo da relação entre aquelas elites e “ordinary Zambian”, na qualidade de súbditos dos monarcas tradicionais ou do império, como activistas na luta de libertação ou como cidadãos na era da independência; assim como a história dos actores e dos projectos políticos que disputaram a hegemonia da UNIP (as múltiplas visões do nacionalismo) e a dos conflitos que marcaram a luta de libertação e a política pós-colonial, (KASULA e PHIRI, 2014, p.1-5).

A democratização política da Zâmbia (1990s) abriu um espaço intelectual que, por um lado, permitiu emergirem na esfera pública outras visões sobre os antigos activistas políticos secundários, especialmente na forma de ego-documentos (memórias e autobiografias), narrativas informativas naturalmente com qualidades e consistência factual variável; e, por outro lado e mais importante, abriu caminho ao “long overdue” processo da revisão da historiografia da Zâmbia pós-colonial e da “late colonial era”, de que a criação da *Network for Historical Research in Zambia* (NHRZ, 2003), o Congresso *Zâmbia: Independence and After. Towards a Historiography* (Lusaka, 2005) e a

51Cf. “Speech given by Bizeck Jube Phiri on the occasion of the official launch of the Network for Historical Research in Zambia, UNZA Senate Chamber, 29 March 2003.” (https://zambiaresearchnetwork.miraheze.org/.../Network_for_Historical_Research_in_Zambia).

publicação de *One Zambia, Many Histories* (MACOLA, GEWALD e HINFELAAR, 2008), *Living the End of Empire* (GEWALD, HINFELAAR e MACOLA, 2011) e *The Objects of Life in Central Africa. The History of Consumption and Social Change, 1840-1980*, como história da “Southern African [Industrial] Revolution” (ROSS, HINFELAAR, PESA, 2013), constituem um sólido *turning point*.

A profunda renovação em curso nos estudos históricos zambianos inclui o contributo da biografia histórica. Um dos mais destacados trabalhos nesta vaga de renascimento historiográfico é a biografia que Giacomo Macola dedicou à vida e trajectória política pessoal de Harry Mwaanga Nkumbula (1916-1983) no nacionalismo zambiano, como líder do pioneiro Northern Rhodesia African Congress (ANC) e, a partir de 1964, como líder da oposição ao UNIP e a Kaunda (MACOLA, 2010). No desenho desta biografia Macola não teve em mente substituir a narrativa tradicional, de um líder de um grupo político tribal e anti-moderno como o biografado ficou retratado na historiografia UNIPista, por uma outra narrativa teleológica, nem produzir uma “conventional encyclopaedic political biography”. O propósito do historiador foi, primeiro, iluminar a questão do “creative intellectual work” que permitiu a Nkumbula, “to imagine African political unity in Northern Rhodesia” e “to formulate a liberal alternative to UNIP”, numa intersecção entre “the histories of Zambia’s nationalist traditions [...] with the story of Nkumbula’s own tortuous evolution from socialist-leaning, cosmopolitan ideologue to right-wing liberal spokesman for the predominantly rural interests of his core ethnic constituency”. A seguir, utilizou a experiência (actividade) política de Harry Nkumbula na era pós-independência para revisitar e explorar a tese cultural-essencialista segundo a qual “opposition parties are either short-lived aberrations or empty shells” no Estado e na Sociedade na África Poscolonial (MACOLA, 2010, p. 4-8, 145).

Um ponto essencial: para a elaboração desta biografia *problem-oriented* e com um guião marcadamente construtivista, foi fundamental a existência de uma infra-estrutura organizada, que permitiu o minucioso e diligente trabalho de triangulação de fontes. Apesar do recurso a fontes disponíveis em arquivos internacionais e a fontes orais nacionais (na forma de entrevistas) a base principal desta investigação foi constituída pelos fundos documentais do ANC e da UNIP que, entretanto, tinham sido reunidos, organizados e tornados acessíveis, desde 2003, nos United National Independence Party’s

Archives (UNIPA, Lusaka) [MACOLA, 2010, 207-210). E isto não é invulgar, como mostra a biografia que o historiador nigeriano Felix Ekechi dedicou ao “Pioneer, Patriot, and Nigerian Nationalist” Reverendo M. D. Opara (1915-1965), que foi possível concretizar com um guião *theme-oriented* e com outras combinações de “mixed sources” (EKECHI, 2010, XVII-XXIII, p. 381-383).

Vistos em perspectiva histórica, o que estes contextos mostram é que o percurso historiográfico das narrativas biográficas dedicadas aos angolanos que se destacaram na Luta de Libertação Nacional não é completamente atípico e os seus praticantes (amadores, independentes e académicos), angolanos, lusófonos ou *internacionalistas*, conduziram-nas, numa longa fase de nacionalismo e internacionalismo historiográficos, essencialmente sob um forte viés teleológico (na construção) e ideológico (na interpretação) que tendeu para a hagiografia e a teratografia. O resultado relevante desse andamento é de que não dispomos, de facto, de biografias de história cognitiva nem sobre Agostinho Neto nem dedicadas a outros activistas da luta pela independência angolana e tal debilidade não é compensada pelo enorme interesse informativo e cultural (de cultura histórica social) que devemos reconhecer no *boom* das ego-narrativas (na forma de memórias, auto-biografias) publicadas nos últimos anos.

Visto a partir do presente historiográfico, aquela circunstância reflecte uma situação de duplo distanciamento. Por um lado, é robusta a separação entre as produções biográficas sobre Agostinho Neto (Angola) e o presente estado da arte na prática da biografia histórica. Por outro lado, é visível o substancial afastamento da historiografia biográfica angolana e sobre os angolanos em relação a historiografias equivalentes de outras regiões nacionais da África Austral e de África⁵², fosso que provavelmente se aprofundou nas últimas duas décadas, dado o desigual renascimento historiográfico africano que Angola tarda em acompanhar.

Não existe uma análise detalhada sobre a formação, evolução e persistência do nacionalismo e patriotismo historiográfico nos meios académicos angolanos, nem sobre a evolução da historiografia sobre Angola. Há mais de uma década, ainda que sumariamente analisado, foi assinalado um ambiente pouco favorável em Angola à

⁵²Ver , p. ex., dinâmica da histotografia biográfica no Maghreb Contemporâneo: BENDANA, BOISSEVAIN E CAVALO (2005).

prática e desenvolvimento de uma historiografia académica. Além da existência de poucos historiadores profissionais, a agenda historiográfica estava tematicamente muito concentrada e muito politizada pelos problemas do presente. A produção académica consistente realizava-se essencialmente fora do país e maioritariamente por “não angolanos” (Bittencourt, 2007)⁵³. Tais viés têm sido superados de forma muito lenta e mantêm-se as principais limitações para a criação de um corpo mais amplo de historiadores académicos nacionais, entre as quais, a limitada oferta de programas de nível universitário para a formação de historiadores orientados para a investigação⁵⁴, a inexistência de redes e pólos de investigação histórica academicamente institucionalizados e de uma associação profissional autónoma, onde os debates poderiam ser fomentados. A falta de uma infraestrutura de pesquisa histórica (arquivos e bibliotecas) relativamente autónoma, minimamente organizada e efectivamente acessível a historiadores profissionais, juniores e séniores, é, todavia, uma das mais severas restrições à investigação histórica pois inviabiliza a exploração de novas soluções metodológicas essenciais para impulsionar a narrativa histórica cognitiva.

A ausência de uma prática historiográfica biográfica em Angola e sobre os angolanos, que é geralmente fomentada pelos nacionalismos académicos, acomoda-se ao quadro historiográfico geral muito desequilibrado acima sumariamente descrito e é em grande parte explicada por ele. Uma consequência evidente e relevante desta situação é a não produção de biografias cognitivas que possam participar no espaço público onde esta dimensão da cultura histórica da sociedade angolana está quase exclusivamente ocupado por narrativas de natureza memorialista e auto-biográfica, ou narrativas oficiais, comissionadas e celebratórias, organizadas por instituições partidárias e fundacionais e por historiadores amadores.

Roderick Barman considera como formas historiograficamente inúteis (“no gos”) a “celebratory biography”, a “psychobiography” e a clássica “narrative biography”, pela

53Ver por exemplo, a análise que Bizeck Jube Phiri fez sobre a crise da historiografia zambiana 1980s-1990s) o: “Speech given by Bizeck Jube Phiri on the occasion of the official launch of the Network for Historical Research in Zambia, UNZA Senate Chamber, 29 March 2003.”

54A formação inicial de historiadores (Licenciatura em História) só é oferecida pela Universidade Agostinho Neto (Luanda), sem prosseguimento em Mestrado e Doutoramento em História; alguns ISCED oferecem formações de licenciatura e mestrado em Ensino de História de África e Angola. Ver por exemplo: <https://www.uan.ao/cursos/> e <http://isced.ed.ao/>

linearidade da sua estrutura e a simples “collection of miscellaneous facts” (BARMAN, 2010, 61-65). Vista a questão deste ângulo, a publicação de segmentos de fundos documentais focados num actor histórico (NETO e NETO, 2010) ou a produção de biografias extensivamente alicerçadas em fontes mas com um notório viés construtivo e critico-interpretativo (PACHECO, 2016), estão muito longe de constituir uma aproximação da narrativa biográfica sobre Agostinho Neto à nova era da “contextualized” and “constructive” biografia histórica (PERRY and LEWIS, 2010) praticada pelos “new biographers” (RASSOOL, 2004, p. 30).

Para os historiadores Harvey Whitfield e Bonny Ibhawoh, a chamada Nova Historiografia Africana está a escrever mais para os intelectuais ocidentais do que para a audiência africana, pois esta está mais interessada na história dos seus “cultural heroes” e do desenvolvimento da sua identidade nacional e africana. A questão é muito interessante, merece reflexão e discussão. Ela assenta no pressuposto de que a escrita da “African history today” tem uma agenda e uma produção que são controladas “by scholars residing far from the continent, who are sometimes insufficiently engaged with its current realities” (WHITFIELD e IBHAWOH, 2005, p.596-597). Ora esta generalização, que secundariza o lugar dos historiadores africanos, não me parece aplicável ao campo da historiografia biográfica, cuja renovação conta actualmente com debates específicos e a contribuição teórica e empírica de historiadores, redes e escolas institucionalizadas na África Austral e Oriental.⁵⁵

⁵⁵Além de EKECHI, 2010; KALUSA e PHIRI, 2014; MACOLA, 2010; NDLOVU-GATSHENI e WILLEMS, 2010; SIMAKOLE, 2012, RASSOOL (2010) e HYSLOP (2010) ver ainda número temático dedicado à “African Biography” pela *Social Dymamics. A Journal of African Studies* [Cape Town. 30 (2), 2004] e o volume sobre “Biographies et Récits de Vie” na Região do Maghreb, editado pelo IRMC (BENDANA, BOISSEVAIN e CAVALLO, 2005).

Referências bibliográficas:

- A.A. VV. *Agostinho Neto: o Pensador e o Poeta: Colóquio Internacional*, Roma: Universidade de Roma e Embaixada de Angola, 2002.
- ABREU, Antero. Recordações de Neto. *Lavra e Oficina*, Luanda: AEA n°s 11/12, 1979.
- ADDICOTT, Len. *Cry Angola*. London: SCM Press, 1962.
- AJAYI, J. F. ADE (1960). lewis of sierra leone. the problems of african biography. review of life of sir samuel lewis by j.d. hargreaves, *journal of african history* 1 (1), P. 170-171.
- ANDRINGA, DIANA E SOUSA, VICTÓRIA DE ALMEIDA E (ORGS). *JOAQUIM PINTO DE ANDRADE. UMA QUASE AUTOBIOGRAFIA*. PORTO: AFRONTAMENTO, 2017.
- APPIAH, KWAME ANTHONY AND GATES, HENRY LOUIS (EDITORS). *AFRICANA: THE ENCYCLOPEDIA OF THE AFRICAN AND AFRICAN AMERICAN EXPERIENCE*. VOL. 1, 2ª ED.. OXFORD: OXFPRD UNIVERSITY PRESS, 2005.
- ARNOLD, Guy. *Historical Dictionary of Civil Wars in Africa*, Lanham, Md.: The Scarecrow Press, 2008 (1º ed. 2007).
- BARMAN, Roderick. Biography as History. *Journal of the Canadian Historical Association*. Ottawa, 21(2), p. 61–75, 2010.
- BARNETT Don and HARVEY Roy. *The Revolution in Angola. MPLA. Life Histories and Documents*. New York: The Boobs-Merritt Co, 1972.
- BARRADAS, Acácio (ed.) *Agostinho Neto, Uma Vida Sem Tréguas – 1922-1979*. 2ª ed. Lisboa e Luanda,, FAAN, 2010 (1ª ed. 2005).
- BENDARA, Kmar, BOISSEVAIN Katia, e CAVALLO Delphine (dir). *Biographies et Récit d Vie*. Tunis: Institute de Recherche sur le Maghreb Contemporain. 2005.
- BENTON, Michael. *Literary Biography. An Introduction*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- BINEY, Ama. *The Political And Social Thought of Kwame Nkrumah*. NY: Palgrave, 2011.
- BIRMINGHAM, David. *Kwame Nkrumah. The Father of African Naionalism*. Rev. Ed. Athens: Ohio UP, 1998 (1ª ed. 1990).

- BIRMINGHAM, David. Neto, António Agostinho. In António Barreto e Maria Filomena Mónica (coord.), *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VIII- *Suplemento F/0*. Porto: Figueirinhas, 1999, p. 599-600.
- BITTENCOURT, Marcelo. História e Independência de Angola: Caminhos para o futuro. In. ZENGO, Zakeu A. E VAN-DÚNEM, José Octávio. *Angola. Caminhos e Perspectivas para o Progresso Cultural, Social e Económico sustentável*. RJ: Nzila/UERJ, p. 13-23, 2007.
- BJERK, Paul. *Julius Nyerere*. Athens: Ohio University Press, 2017.
- BRAZ, A.R., The contract in agostinho neto's poetry, *AFAHAMU. A JOURNAL OF AFRICAN STUDIES*, UCLA, 11 (2), P. 82-95, 1982.
- BRINKMAN, Inge. Neto. António Agostinho (1922-1979). In SHILLINGTON Kevin (dir). *Encyclopaedia of African History*, Vol. 3. NY, F. Dearborn, 2005, p. 1084-1085.
- BRIZUELA-GARCIA Esperanza. The Past Never Stays Behind: Biographical Narrative and African Colonial History. *Journal of Historical Biography*, Abbotsford, 2, p. 63-83, 2007.
- BROADHEAD, Susan Herlin. *Historical Dictionary of Angola*, 2ª ed. Lanham, Md.: The Scarecrow Press, 1992.
- BROCKMAN, NORBERT C. *AN AFRICAN BIOGRAPHICAL DICTIONARY*. 2ND ED.. NY: GREY HOUSE PUBLISHING, 2006. (1ª ED. 1996).
- BUNGO, Marcelina M.. *O pensamento político de Agostinho Neto no contexto da Luta de libertação Nacional em Angola*, Diss. Mestrado HDRI, Lisboa, ISCTE, 2015.
- BURCHETT, WILFRED. *SOUTHERN AFRICA STANDS UP. THE REVOLUTIONS IN ANGOLA, MOZAMBIQUE, ZIMBABWE, NAMIBIA AND SOUTH AFRICA*. NEW YORK: URIZEN BOOKS, 1978.
- BURNESS, DONALD. Agostinho neto and the poetry of combat. in burness, donald. ed. *critical perspectives on lusophone literature from african literature*. washington: three continents press, p. 89-103, 1981.
- CAINE, Barbara. *Biography and History*. London: Palgrave, 2010.
- CARR, Edward Hallet. *What is History? The George Macaulay Trevelyan Lectures delivered at University of Cambridge, January-March 1961*, 2ª ed., Harmondsworth, Penguin (1ª ed. London:MacMillam, 1961).

- CARREIRA, Iko. *O pensamento estratégico de Agostinho Neto : contribuição histórica*. Lisboa: D. Quixote, 1996.
- CARTWRIGHT, John. *Political Leadership in Africa*. London and New York: Croom Helm and St Martin's Press, 1983.
- CASTELO, Cláudia. Neto, António Agostinho. In ROSAS, Fernando et Al., *Dicionário de História do Estado Novo*, Vol.II. Lisboa, Bertrand Editora, p. 664-665, 1996.
- CDIH do CC.MPLA. *História do MPLA (Volumes I e II)*. Luanda: Centro de Documentação e Investigação Histórica do Comité Central do MPLA, 2008.
- CEH (Centro de Estudos Histórico) do MPLA-PT (ed.), *Agostinho Neto. Ensaio Biográfico*. 2 Vols. Luanda: Ed. Vanguarda. 1990 e 2000.
- CEH-MPLA [Comissão para a Elaboração da História do MPLA]. *História do MPLA*, Vol. 1 (1940-1966) e Vol. 2 (1967-1976). Luanda: Centro de Documentação e Investigação Histórica do Comité Central do MPLA, 2014.
- CHABAL, Patrick. *Amílcar Cabral: Revolutionary Leadership and People's War*. Cambridge: Cambridge University Press. 1983.
- CHRISTIE, Iain. *Samora Machel. A biography*. Maputo: Ed. Ndjira, 1996.
- CLAPPHAM Christopher (ed.). *African Guerrillas*. Bloomington: Indiana U.P. 1998.
- CLINGTON, Mário de Sousa. *Angola Libre?*. Paris, Gallimard, 1975.
- COHEN, Deborah e O'CONNOR, Maura (eds). *Comparison and History. Europe in Cross-National Perspective*. London : Routledge, 2004.
- COSME, Leonel. *Agostinho Neto e o seu Tempo*, Lisboa: Campo de Letras, 2004.
- COSSE, J.P. e SAMCHEZ, J. *Angola: Le Prix de la Liberté*. Paris: Syros, 1976.
- DAVEZIES, Robert, *Les Angolais*. Paris: Ed. Minuit, 1965.
- DAVIDSON, Apollon Borisovich (dir), История Африки в биографиях. Moskva: RSUH ed. 2012 [História de África nas Biografias. Moscovo: RSUH ed., 2012].
- DAVIDSON, Basil. *Angola, 1961: The Factual Records*. London: Union of Democratic Control, 1962.
- DAVIDSON, Basil. *Africa. History of a Continent*. London. Weidenfeld & Nicolson, 1966 [(a 6ª ed., ver. e aum., foi publicada como *Africa in History*. NY: Touchstone Ed. 1995).
- DAVIDSIN, Basil. *In the Eye of the Storm. Angola's People*. London: Longman, 1972.

- DEPKAT, Volker. The Challenges of Biography: European-American Reflection. *Bulletin of the German Historical Institut*, Washington, 55, p. 39-48, 2014.
- DLAMINI Jacon. Life choices and South African biography. *Kronos*, Cape Town, 41 (1) p. 339-346, 2015.
- EKECHI, Felix K. *Pioneer, Patriot, and Nigerian Nationalist A Biography of the Reverend M. D. Opara, 1915–1965*. Durham: Carolina Academic Press, 2010.
- FALOLA, Tony e JACQUES Daniel Jean (eds), *Africa. An Encyclopedia of Culture and Society*. 3 Vols. Santa Barbara (EUA): ABC-CLIO, 2015.
- FEAA (Fundação Eng. António de Almeida) (ed.). *A Voz Igual : Ensaio sobre Agostinho Neto. Actas . I Simpósio Internacional sobre Cultura Angolana*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1989.
- FERNANDES, João P. e CAPUMBA, Pedro A., *História. 12ª Classe, 2º Ciclo do Ensino Secundário- Reforma Educativa*. Luanda: Texto Editores, 2006
- FREDRIKSEN, John Conrad. *Biographical Dictionary of Modern World Leaders (1900 to 1991)*. NY: Facts on File, 2003.
- FRIEDSON, Anthony M. (ed). *New Directions in Biography*. Hawaii: University Press of Hawaii, 1981.
- GABRIEL, Claude. *Angola: Le Tounant Africain?*. Montreil: la Brèche, 1978.
- GATES, Henry Louis, AKYEAMPONG Emmanuel e NIVEN Steven. *Dictionary of African Biography*. 6 Vols. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- GEPB [Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira] (ed.). NETO, Agostinho. In. *Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira. Atualização Vol. VIII*. Lisboa: Ed. Enciclopedia. P. 314-315, 1986.
- GEPB [Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira] (ed.). SAVIMBI, Jonas. In *Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira. Atualização Vol. VI*. Lisboa: Ed. Zairol, p. 374-375, 1999.
- GERTJEJANSSEN Wendy Jo. Victims, Heroes, Survivors. Sexual Violence on the Eastern Front during World War II. PhD diss. S.l.: University of Minnesota, 2004
- GEWALD Jan-Bart, HINFELAAR, Marja e MACOLA, Giacomo. *Living the end of empire. Politics and Society in late colonial Zambia*. London: Brill, 2011.

- GIBSON, Richard. *African Liberation Movements. Contemporary Struggles Against White Minority Rule*. London: Oxford UP, 1972.
- GONÇALVES, Luís, Neto. Agostinho”. In: GATES Henry Louis, AKYEAMPONG Emmanuel, NIVEN Steven: *Dictionary of African Biography*. Oxford, Oxford University Press, 2012, p. 442-443.
- GRUNDLINGH, Albert. Social History and Afrikaner Historiography in a Changing South Africa: Problems and Potencial. Collected Seminar Papers on the Societies of Southern Africa in the 19th and 20th Centuries. *Institute of Commonwealth Studies*, 45 . pp. 1-10, 1993.
- HALLS, W.S. Van der. *Guerra e Paz: Portugal/Angola (1961-1974)*. Lisboa: Casa das Letras, 2011 (ed. Orig, 1993).
- HARGREAVES, John D. Life of Sir Samuel Lewis. London: Oxford University Press, 1959.
- HUMBARACI, ARSLAN E MUCHNIK, NICOLE. *PORTUGAL’S AFRICAN WARS. ANGOLA, GUINEA-BISSAO, MOZAMBIQUE*. DAR ES SALAAM: TANZANIA PUBLISHING HOUSE, 1974.
- HYSLOP, Jonhathan. On Biography: A Response To Ciraj Rassool. *South African Review of Sociology*, University of Johannesburg (SASA), 41 (2), p. 104-115, 2010.
- IGNÁTIEV Oleg. *Amílcar Cabral. Filho de África. Narração Biográfica*. Lisboa: Porto Editora, 1975.
- JAMES, W. Martin. *Historical Dictionary of Angola*. 3ª ed. Lanham, Md.: The Scarecrow Press, 2004 [4ª ed (Ed. Kindle). Lanham, Md.: The Scarecrow, 2011).
- JONES, Branwen Gruffydd. Agostinho Neto. In: PODDAR Prem, PATKE Rajeev S. e JENSEN Lars (eds), *A Historical Companion to Postcolonial Literatures. Continental Europe and Its Empires*. Edimburg: Edimburg UP, 2008, p. 481-482.
- KALUSA Walima e PHIRI, B.J. Introduction. Zambia’s Postcolonial Historiography. *Zambia Social Science Journal*, Lusaka, 5-1, p. 1-11, 2014.
- KANDJIMBO, Luís. Agostinho Neto (1940-1960). L’itinéraire de l’identité individuelle d’un poète de la génération littéraire de 1940. In *Présence Africaine*, Revue Culturelle du Monde Noire, Paris, 184, pp. 101-120, 2011/12.

- KAPSKY, E. V.. The Armed Struggle of the Peoples of Africa for Freedom and Independence. Moscow, Nauta, 1974 [TYAGUNENKO, Victor Leonidovich et Al (eds), The Armed Struggle of The Peoples of Africa for Freedom and Independence, Moscou, Nauta, 1974 (ou Вооруженная борьба народов Африки за свободу и независимость ou *Vooruzhennaya borba narodov Afriki za svododu i nezavisimost.*)
- KENDALL, Paul M. Biographical Literature. In: *The New Encyclopaedia Britannica*, Chicago, Encyclopaedia Britannica, V. 23, p. 195-203. 1974 [reed. In: KUIPER, Kathleen (ed). *Prose. Literary Terms and Concepts*, NY: BES, 2012, p. 180-209].
- KENDALL, Paul M.. *The Art of Biography*. NY: G. Allen and Unwin, 1965.
- KHAZANOV, ANATOLY M. *AGOSTINHO NETO*. MOSCOW, PROGRESS PUBLISHERS, 1986 KHAZANOV, ANATOLY M. E PAYNE, STANLEY (EDS.), *perpetrators, accomplices and victims in twentieth-century politics: reckoning with the past*. NEW YORK: ROUTLEDGE, 2009.
- KIRK-GREENE Anthony. West African Historiography and the Underdevelopment of Biography. *The Journal of Commonwealth Literature*, S.L., 21 (1), 1986, p. 39-52.
- KOCK, W. J. de, *New Dictionary of South African Biography*, 5 vols, Pretoria: Nasional Boekhandel Bpk. for National Council for Social Research, 1968-1987.
- LAMBERT, David e LESTER, Alan. *Colonial Lives Across the British Empire. Imperial Careering in the Long Nineteenth Century*. Cambridge: Cambridge U.P: 2006.
- LARANJEIRA, Pires (2008) A poesia de Agostinho Neto como documento histórico: premonição da liderança, projecto de libertação nacional e organização do movimento popular, em 1945-1956. In; Luís Reis Torgal, et al. (orgs.), *Comunidades imaginadas. Nação e nacionalismos em África*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2008, p. 111-116.
- LARANJEIRA, PIRES. Leonel Cosme (re)pensar portugal e o atlântico sul. *A PÁGINA DA EDUCAÇÃO*, PORTO, 170, P 30-32, 2007.
- LASSIG, Simone. Introduction. Biography in Modern History – Modern Historiography in Biography. In: BERGHAHN, Volker R. et al. (Eds). *Biography between Structure and Agency: Central European Lives in International Historiography*. N.Y: Berghahn Press, 2008, p. 1-26.

- LASSIG, Simone. Toward A Biographical Turn. Biography In Modern Historiography—Modern Historiography. *Bulletin of the German Historical Institut Bulletin*, Washington, 35, p. 147-155, 2004
- LEITE, Valéria Augusto, Educação em Angola: As Reformas Educativas Implementadas a partir de 1975: uma Perspectiva Histórica, Diss. Mestrado. Luanda: ISCED, 2014.
- LESTER, Alan. Relational Space and Life Geographies in Imperial History. George Arthur and Humanitarian Governance. *Journal of the Canadian Historical Association*, Ottawa, 21(2), p. 29-46, 2010.
- LISSONI, Arianna. The South African Liberation Movments in Exile c. 1945-1970. PhD Thesis. London: University of London, (SOAS), 2008.
- LODGE, Tom. Secrets and Lives: South African Political Biography. *Journal of Southern African Studies*, London, 41 (3), p. 687-697, 2015.
- LOPES, JOSÉ MANUEL DA SILVEIRA. *O CÔNEGO MANUEL DAS NEVES. UM NACIONALISTA ANGOLANO. ENSAIO DE BIOGRAFIA POLITICA*. LISBOA: NOVA VEJA, 2017.
- LOZIER, Claire. Becoming a Monstrous Text? The Process of Grafting in the Work of Jean Genet and Jacques Derrida's Glas. *Skepsi*, University of Kent, I (1), p. 56-64, 2008.
- MACHADO, Antonio. *Campos de Castilla*. S.l.; Editorial Literanda, 2012 (ed. Original 1912).
- MACOLA Giacomo, GEAWALD, Jean-Bart e HINFELAAR, Maria (eds). *One Zambia, Many Histories. Towards a History of Post-colonial Zambia*. London: Brill, 2008.
- MACOLA, Giacomo. *Liberal Nationalism in Central Africa: a Biography of Harry Mwaanga Nkumbula*. New York: Palgrave Macmillam, 2010.
- MANGANYI, Noel Chabani. Biography: The Black South African Connection. In Anthony Friedson, ed. *New Directions in Biography. Essays*. Honolulu, Ed. Biographical Research Center-UPH University Press of Hawaii, 1981, p. 52-6.
- MARCUM, John A. *The Angolan Revolution Vol.1. The Anatomy of na Explosion*. Vol.II *Exile Politics and Guerrilla Warfare (1962-1976)*, Cambridge (Mass.), MIT Press, 1969 e 1978.
- MARGADANT, Jo Burr. Introduction: The New Biography in Historical Practice. *French Historical Studies*, 19 (4) (special Issue: Biography), p. 1045-1058, 1996

- MARGARIDO, Alfredo. Agostinho Neto (1922-2017). In: *Encyclopaedia Universalis*. Paris: E.U/E.B ed., 2008 [ed. En ligne: www.universalis.fr/encyclopedie].
- MARTIN, Phyllis. *Historical Dictionary of Angola*. Metuchen, N.J.: The Scarecrow Press, 1980.
- MAYLAM, Paul. Jawaharlal Nehru and Nelson Mandela: Parallel Lives Compared. *Journal of Historical Biography*. Abbotsford (Canada), 15, p. 1-33, 2014.
- MAZRUI, Ali A. Nkruma. The Leninist Czar. *Transition*, Bloomington, 26, p. 8-17, 1966 [republicado em *Transition*, 75/76 (Selections from 1961-1976), p. 106-126, 1997]
- MAZRUI, Ali A. On Poet-Presidents and Philosopher-Kings. *Research in African Literatures*, Bloomington, 21 (2- Dictatorship and Oppression), p.13-19, 1990.
- MEDEIROS, ANTÓNIO TOMÁS. *Entrevistado por Elsa Sertório em alfragide (versão escrita revista pelo entrevistado em outubro de 2015)*. COIMBRA, ED. E-BOOK DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO 25 DE ABRIL – UNIVERSIDADE DE COIMBRA: 2015.
- MENDES, Júlio, SILVA, Eugénio e CABECINHAS, Rosa. Memória Colectiva e Identidade Nacional: Jovens angolanos face à História de Angola. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, Lisboa, s.n., 2010, p. 205-221.
- MENESES, Maria Paula. O ‘indígena’ africano e o colono ‘europeu’: a construção da diferença por processos legais. *E-Cadernos CES*, Coimbra, 7, p. 68-93, 2010.
- MENEZES, HUGO AZANCOT DE. *PERCURSOS DA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL. VIAGEM AO INTERIOR DO MPLA. MEMÓRIAS PESSOAIS*. LISBOA: NOVA VEGA, 2017.
- MGANGA, João Paulo. *O Pai do Nacionalismo Angolano. As Memórias de Holden Roberto*, Vol.1 (1923-1974). São Paulo: Ed. Autor, 2008.
- MICHAEL, Cheryl-Ann. African Biography Hagiography or Demonization. *Social Dynamics*, Cape Town, UCT (CAS), 30 (1), p. 1-10, 2004.
- MINTER, William. African Liberation. In: IRIYE, Akira e SAUNIER, Pierre-Yves (eds). *The Palgrave Dictionary of Transnational History*, London: Palgrave-Macmillan, 2009, p. 18-21.
- MOLONY, Thomas. *Nyerere: The Early Years*. Woodbridge: James Currey Pub., 2014.

- MUNGER, Edwin. Review of SEGAL, Ronald. *African Profiles* (Baltimore, P. Books 1962). *American Anthorpolologist*, Arlington, 65, 1962.
- MUNZ, Peter. The Historical Narrative. In: BENTHEY, Michael (ed.). *Companion to Historiography*. London: Routhledge, 2006. p. 833-852.
- NAERT, Jan, VERFAILLIE Florent, VANRAEPENHBUSCH, Karla. On the public and academic impact of the '14 '18 commemorations. The Belgian centenary generation of doctoral researchers. *Journal of Belgian History-Revue Belge d` Histoire*, Gent, 46 (3-4), p. 227-251, 2016.
- NDLOVU-GATSHENI, Sabelo J. and WILLEMS, Wendy . Reinvoking the past in the present: changing identities and appropriations of Joshua Nkomo in post-colonial Zimbabwe. *African identities*, Abingdon, 8 (3). p. 191-208, 2010.
- NEB [The New Encyclopaedia Britannica] (eds). *The New Encyclopaedia Britannica*, Chicago, Ed. Encyclopaedia Britannica, 1993 [Vol. 8, p. 616 : Neto, (Antonio Agostinho)].
- NEB [The New Encyclopaedia Britannica] (eds.). *The New Encyclopaedia Britannica*, Chicago, Ed. Encyclopaedia Britannica, 2007 [impressa e online]
- NETO, Agostinho. *Relatório do Comité Central ao 1º Congresso do MPLA*. Lisboa: Ed. Avante, 1978 [existe também ed. CC MPLA, 1979].
- NETO, Agostinho. *Sacred Hope*. Dar es Salaam: Tanzania Publishing House, 1974.
- NETO, Maria Eugénia (Coord) e NETO, Irene (Ed. Lit.) *Agostinho Neto e a Libertação de Angola (1949-1974)*. *Arquivos da PIDE-DGS*. 5 Vols.. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2012.
- NETO, Maria Eugénia: *Entrevista: “Os Comunistas Traíram O Meu Marido”*, *Semanário Expresso*, Lisboa, Nº 1836 (supl. *Única*) de 05 Jan 2008.
- OATES, Stephen B.(ed.). *Biography as High Adventure Life-Writers Speak on Their Art*. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1986.
- OCUMA, Thomas. *Angola in Ferment*. Westport (Conn.): Greenwood Press Publisher, 1974.
- OLIVEIRA, A. de. NETO, António Agostinho. In: *Verbo. Enciclopedia Luso-Brasileira de Cultura*.. Lisboa: Ed. Verbo, 1980, col. 627-628.

- OMOTESO, Ebenzer Adedeji. *Ideologia e Engajamento em Agostinho Neto e Léopold Senghor: uma Perspectiva Comparada*. Luanda: Ed. Fundação Dr. Agostinho Neto, 2009.
- PACHECO, Carlos. *Agostinho Neto. O Perfil de um Ditador. A História do MPLA em Carne Viva*. 2 Vols. Lisboa: Nova Vega, 2016.
- PALLISTER Janis L. Agostinho Neto: Pure Poetic Discourse and Mobilization Rhetoric. *Studies on 20th Century Literature*, Manhattan, 15 (1), p. 137-158, 1991.
- PERRY, Adele e LEWIS Brian. Introductory Remarks, Special Issue on The Biographical (Re)Turn. *Journal of the Canadian Historical Association*, Ottawa, 21(2) p. 3-4, 2010.
- PIMENTA, Fernando Tavares. *Angola. Os Brancos e a Independência*. Porto: Afrontamento, 2008.
- PINTO, Alberto Oliveira. *História de Angola: da pré-história ao início do século XXI*. Lisboa: Mercado de Letras, 2016.
- PINTO, João Paulo Henrique. Identidade Nacional e Educação A Memória Histórica Angolana nos Livros Didáticos de História. *Boletim Historiar*. São Cristovão (Brasil), 2017, 18, p. 48-71, 2017.
- PORCIANI ILARIA E RAPHAEL LUTZ. Atlas european historiography. the making of a profession (1800-2005), BASINGSTOKE, PALGRAVE AND EFSC, 2010.
- POSSING Birgitte. *Understanding Biographies. On Biographies in History and Stories in Biography*. Odense: University Press of Southern Denmark, 2017.
- POSSING, Birgitte. Biography: Historical, In: Neil J. Smelser e Paul B. Baltes (eds), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*. Amsterdam: Elsevier Pub., 2001, p. 1213-1217.
- POSSING, Birgitte. The Historical Biography. In: John Bale, Mette K. Christensen, Gertrud Pfister (eds.), *Writing Lives in Sports. Biographies, Life-Stories and Methods*. Oakville: Aarhus University Press, 2004, p. 17-24.
- RANGER Terence. *Are We Not Also Men? The Samkange Family & African Politics in Zimbabwe, 1920-64*. Portsmouth: James Currey, 1995.
- RANGER, Terence. Nationalist Historiography, Patriotic History and the History of the Nation: the struggle over the past in Zimbabwe. *Journal of Southern African Studies*. London, 30 (2), 215-234, 2004.

- RASSOOL, Ciraj Shahid. The Individual, Auto-Biography and History in South Africa. PhD Thesis. Cape Town: University of the Western Cape, 2004.
- RASSOOL, Ciraj. Rethinking Documentary History and South African Political Biography. *South African Review of Sociology*, Johannesburg (SASA), 41 (1), p. 28-55, 2010.
- RASSOOL, Ciraj. The Challenges of Rethinking South African Political Biography: A Reply to Jonathan Hyslop. *South African Review of Sociology*, Johannesburg (SASA), 41 (2), p. 116–120, 2010.
- REIS, JOSÉ (2017), *ANGOLA. O 27 DE MAIO. MEMÓRIAS DE UM SOBREVIVENTE*. LISBOA: NOVA VEJA, 2017
- RENDERS, Hans e HANN, Binne de. *Theoretical Discussions of Biography. Approaches from History, Microhistory, and Life Writing*. London: Brill, 2013.
- ROCHA, ANA T. RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE AGOSTINHO NETO EM PORTUGAL. *CURUPIRA, REVISTA DO GRUPO DE ESTUDOS LUSÓFONOS*, PORTO, N.º 1, P. 17-24, 2012.
- ROSS, Robert, HINFELAAR Marja e PESA, Iva. *The Objects of Life in Central Africa. The History of Consumption and Social Change, 1840-1980*. Leiden, Brill, 2013.
- ROTBERG, Robert. Biography and Historiography. *Journal of Interdisciplinary History*. Cambridge MA, 40 (3), p. 305-324, 2010.
- RYABININ, Alexey Leonidovich. ПОЛИТИЗАЦИЯ ИСТОРИИ АФРИКИ В ТРУДАХ СОВРЕМЕННЫХ РОССИЙСКИХ УЧЕНЫХ, Национальный исследовательский университет «Высшая школа экономики», WP, 2013 (ON-LINE, Cf 09-07-2017) [*A Politização da História de África nas Obras dos Cientistas Russos Contemporâneos*. UNP-Faculdade de Economia, WP, 2013]
- SANTOS, OLUEMI. Nas sendas da revolução: a poesia de agostinho neto e solano trindade. TESE DOUT.. S. PAULO: UNIVERSIDADE DE S. PAULO, 2009.
- SAUNDERS, CHRIS (ED.). *Black leaders in southern Africa*. London: heinemann, 1979.
- SEGAL, RONALD, HOSKYNS, CATHERINE E AINSLIE, ROSALYNDE. *Political africa: a who`s who of personalities and parties*. London: steven & sons limited, 1961.
- SEGAL, Ronald. *African Profiles*, Harmonsworth: Penguin Books (PAL), 1962.

- SHEPPERSON, George Albert, e PRICE Thomas. *An Independent African: John Chilembwe and the Origins, Setting and Significance of the Nyasaland Native Rising of 1915*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1958.
- SHILLINGTO, Kevin (dir), *Encyclopaedia of African History*. NY: Routhledge, 2004.
- SIMAKOLE, Brutus Mulilo. Political Auto/Biography, Nationalist History and National Heritages: The case of Kenneth Kaunda and Zambia. MA Th. Cape Town: University of the West Cape, 2012.
- SOUTHALL, Roger. *Liberation Movements in Power. Party and States in Southern Africa*. PieterMaritzburg: University of KwaZulu-Natal Press, 2013.
- TELEPNEVA, Natalia. Our Sacred Duty: The Soviet Union, the Liberation Movements in the Portuguese Colonies, and the Cold War, 1961-1975, Doct. Thesis. London: LSEePS, 2014.
- TENDI, Blessing-Miles. *Making History in Mugabe's Zimbabwe: Politics, Intellectuals and the Media*. Bern: Peter Lang, 2010.
- TORGAL, Luís Reis et al. (Coord.). *Comunidades Imaginadas. Nação e Nacionalismos em África*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.
- ULYANOUSKY, Rostilav A.. *Fighters for National Liberation. Political profiles*. Moscou:Progress Publ., 1984[Agostinho Neto, p. 106-113).
- ULYANOUSKY, Rostilav A. Agostinho Neto. President of Free Angola. *The African Communist*, s.l., 92, p. 87-96, 1983.
- UNESCO (ed.). *The Methodology of Contemporary African History : Report and Papers of the meeting of experts*. (Ouagadougou, 17-22 May 1979). Paris, UNESCO, 1984
- VERWEY, E. J. and SONDERLING, Nelly E. (eds), *New Dictionary of South African Biography*, 2 Vols. Pretoria, HSRC Publishers, 1995.
- VIDAL Nuno Carlos. Post-Modern Patrimonialism. The genesis and Development of the Angolan Political System, 1961-1987, Doct.Thesis. London: King's College, 2002.
- VISSER, Wessel. Afrikaner anti-communist history production in South African historiography. In: STOLTEN, Hans Erik S (ed.), *History Making and Present Day Politics. The Meaning of Collective Memory in South Africa*. Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet, 2007, pp. 306-333.

VISSER, Wessel. *Trends in Southern African Historiography and the Present State of Historical Research*. Uppsala: NAI, 2004.

WALLERSTEIN, IMMANUEL. On the interpretation of nationalism in the periphery: marcum's angola. *Africa today*, Indiana up, 26 (4), P. 67-71, 1979.

WARING, RONALD. The case for portugal. in: *angola. a symposium. views of a revolt*. london, 1962, p. 30-46.

WHITFIELD, Harvey e IBHAWOH, Bonny. Problems, Perspectives, and Paradigms. Colonial Africanist Historiography and the Question of Audience. *Canadian Journal of African Studies*, Ottawa, 39(3), p. 582-600, 2005.